

Plano de Estudos cesec

Filosofia

Ensino Médio

Módulo I



**ESCOLA DE FORMAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL
DE EDUCADORES DE MINAS GERAIS**

Governador do Estado de Minas Gerais
Romeu Zema Neto

Vice-governador do Estado de Minas Gerais
Mateus Simões de Almeida

Secretário de Estado de Educação
Igor de Alvarenga Oliveira Icassatti Rojas

Secretária Adjunta
Fernanda de Siqueira Neves

Subsecretária de Desenvolvimento da Educação Básica
Kellen Silva Senra

Superintendência de Políticas Pedagógicas
Rosely Lúcia de Lima

Diretoria de Modalidades de ensino e Temáticas Especiais
Fabiana Benchetrit dos Santos

Coordenação da Educação de Jovens e Adultos
Denise Jacqueline Silva Oliveira

Superintendente da Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores
Graziela Santos Trindade

Diretora da Coordenadoria de Ensino da EFE
Janeth Cilene Betônico da Silva

Elaboração e construção
Professores Formadores da Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores

Revisão
Equipe Pedagógica e Professores Formadores da Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores

Supervisão
Juliano Alves Andrade
Silene Gelmini Araújo Veloso

Prezado Estudante,

Você está recebendo o Plano de Estudos de **COMPONENTE CURRICULAR FILOSOFIA - ENSINO MÉDIO - MÓDULO I**. Nele você encontrará conteúdos e propostas didáticas que o ajudarão a desenvolver habilidades fundamentais para o prosseguimento ou conclusão de seus estudos.

O material foi elaborado considerando o seu perfil, trajetória de vida, interesses, objetivos e necessidades. Neste Plano de Estudos você encontrará uma diversidade de textos, imagens, vídeos, músicas, questões, exercícios e outras propostas pedagógicas que foram elaboradas pensando em favorecer o seu processo de aprendizagem.

Você deverá desenvolver as atividades didáticas aqui propostas a partir dos suportes disponibilizados neste material e no Google Classroom. Porém, para o esclarecimento de qualquer dúvida ou para uma assessoria mais personalizada para a compreensão de conceitos ou realização das questões você pode contar com a orientação de estudos feita pelo professor orientador da aprendizagem do CESEC em que você está matriculado.

Desejamos que seus objetivos possam ser alcançados e que você continue em seu percurso escolar com sucesso.

Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais

SUMÁRIO

TEMA DE ESTUDO: Tempo e espaço.....	05
TEMA DE ESTUDO: Tempo e Espaço / Política e Trabalho / Territórios e Fronteiras	35
REFERÊNCIAS	58

MODULO NÚMERO I DE ESTUDO CESEC

Referência: Ensino Médio

Ano Letivo: 2025

Área de Conhecimento: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Componente Curricular: Filosofia

PLANO DE ESTUDOS

Habilidades:

(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de atitudes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

Unidade Temática:

- Tempo e espaço

Objetos de Conhecimento:

- A filosofia e o processo do fazer filosófico: a atitude filosófica;
- Mito e Razão: passagem do pensamento mítico para o pensamento filosófico;
- O que é essencial para a filosofia? A resposta da pergunta ou como formulamos a pergunta para obtermos respostas;
- Filosofia e os vários tipos de conhecimento: senso comum, religião, ciência e arte;
- O surgimento das Ciências Humanas e sua especificidade;
- As condições econômicas e políticas para o nascimento da Filosofia na Grécia Antiga;
- Cosmologia e identificação com a Natureza (physis) x controle e domínio da natureza;
- Da cosmologia ao antropocentrismo socrático: A criação do conceito.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES...

Nesta primeira parte deste Plano de Estudos, você irá explorar questões relacionadas ao surgimento da filosofia na Grécia Antiga. A filosofia, considerada mãe de todas as ciências, surge na Grécia Antiga por volta do século VI a.C. - e, mesmo após mais de dois milênios de sua origem, ainda hoje é possível percebermos a sua influência nos nossos modos de pensar e agir. As formas como fazemos ciência, arte, religião, política, etc. são, por vezes, diretamente influenciadas por ideias filosóficas, tanto antigas quanto modernas. Em suma, quando você busca os porquês das coisas e considera que por trás de todas essas coisas há uma Verdade que as sustentam, você está reproduzindo um comportamento humano já evidenciado e explorado nos domínios da filosofia grega antiga. São questões como essas que iremos explorar ao longo desta primeira parte do presente Plano de Estudos.

I. A FILOSOFIA E SUAS CARACTERÍSTICAS DISTINTIVAS

O que é filosofia?

Para início de conversa, você sabe o que é filosofia? Talvez você já tenha se deparado com algumas definições diferentes para esta área do conhecimento... Na verdade, o mais provável é que você tenha encontrado, talvez em livros didáticos ou vídeos da internet, algumas respostas que vão margeando o assunto, deixando que você compreenda por si só do que se trata a filosofia. No geral, esse tipo de abordagem é muito comum porque definir filosofia já constitui uma questão filosófica muito significativa. Vejamos abaixo um exemplo:

Podemos dizer que a filosofia se constitui quando os seres humanos começam a exigir provas e justificações racionais que validem ou invalidem as crenças cotidianas. Por que racionais? Por três motivos:

- Porque racional significa argumentado, debatido e compreendido;
- Porque racional significa que, ao argumentar e debater, queremos conhecer as condições e os pressupostos de nossos pensamentos e os dos outros;
- porque racional significa respeitar certas regras de coerência do pensamento para que um argumento ou um debate tenham sentido. Deste modo, é possível chegar a conclusões que podem ser compreendidas, discutidas, aceitas e respeitadas por outros. (CHAUÍ, p. 21)

A partir da citação acima, apreendemos uma das possíveis definições de filosofia: uma busca por justificações racionais das nossas crenças cotidianas. Enquanto animais racionais, somos impelidos a encontrar os porquês das

muitas coisas com as quais lidamos ao longo da nossa existência. Possivelmente, você já sentiu esse ímpeto filosófico ao se deparar com algo trivial no seu cotidiano. Podemos, por exemplo, conhecer explicações políticas que apresentam com clareza os porquês da existência da desigualdade social entre nós; no entanto, ao nos depararmos com uma família sofrendo com os horrores da fome, do frio e da violência, podemos ficar incomodados de modo visceral com tal situação a ponto de indagarmos: “toda essa situação é justa?”

A atitude filosófica

Quando nos perguntamos sobre a justiça na situação descrita acima, esbarramos em uma questão fundamentalmente filosófica. No entanto, para responder a essa questão de modo apropriado, ou seja, filosoficamente, a pergunta precisa necessariamente ser estabelecida a partir de uma atitude específica, que se define por três características:

- Perguntar o que é (uma coisa, um valor, uma ideia, um comportamento) - A filosofia indaga qual é a realidade e qual é a significação de algo.
- Perguntar como é (uma coisa, uma ideia, um valor, um comportamento) - A filosofia indaga como é a estrutura ou o sistema de relações que constitui a realidade de algo.
- Perguntar por que é (uma coisa, uma ideia, um valor, um comportamento) - A filosofia indaga por que algo existe, qual é a origem ou a causa de uma coisa, de uma ideia, de um valor, de um comportamento. (CHAUÍ, p. 23).

A reflexão filosófica

Aliada à atitude filosófica, podemos ainda associar outra ação importante para definirmos uma pergunta propriamente filosófica: a reflexão filosófica. Essas duas posturas intelectuais nos permitem abordar de modo mais completo a realidade que nos cerca - e mesmo as realidades internas que definem o nosso ser no mundo:

A reflexão filosófica é o movimento pelo qual o pensamento volta-se para si mesmo como fonte daquilo que foi pensado. É a concentração mental em que o pensamento busca examinar, compreender e avaliar suas próprias ideias, vontades, desejos e sentimentos. [...] A reflexão filosófica é radical, pois vai à raiz do pensamento. [...] Como vimos, a atitude filosófica dirige-se ao mundo das coisas que nos rodeiam e aos seres humanos que nele vivem e com ele se relacionam. É um saber sobre a realidade exterior

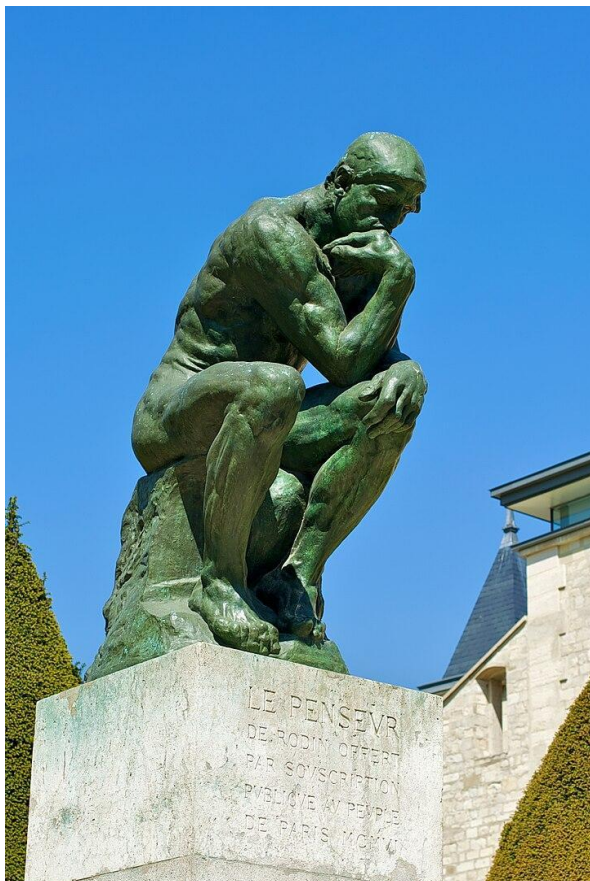
ao pensamento. Já a reflexão filosófica se dirige ao pensamento, à linguagem e à ação. São perguntas sobre a capacidade e a finalidade de conhecer, falar e agir próprias dos seres humanos. É um saber sobre a realidade interior aos seres humanos. (CHAUÍ, p. 24-25)

O pensamento sistematizado

Como podemos perceber até aqui, nada se furta ao questionamento filosófico (seja o mundo ou o próprio pensamento), e mesmo as camadas mais profundas dos problemas que elegemos para serem analisados são passíveis de problematização, uma vez que a reflexão filosófica é rigorosa (é feita com rigor) e radical (vai à raiz do problema). No final das contas, quando vamos compreendendo de que modo uma pergunta filosófica deve ser constituída, percebemos que ela sempre se organiza de forma sistemática, ou seja:

- trabalha com enunciados precisos e rigorosos;
 - busca encadeamentos lógicos entre os enunciados;
 - utiliza conceitos ou ideias obtidos por procedimentos de demonstração e prova;
 - exige a fundamentação racional do que é enunciado e pensado.
- (CHAUÍ, p. 25)

Enfim, a partir das informações apresentadas até aqui, acredito que você, estudante, conseguiu perceber como a filosofia, apesar de muitas vezes incompreendida, é sinônimo de sabedoria para muitas pessoas: ela questiona tudo de modo muito minucioso e sob uma perspectiva de conjunto (aborda a totalidade do problema em questão), garantindo respostas de qualidade que são dignas de admiração por pessoas das mais distintas áreas do conhecimento.



Exercício de reflexão...

O Pensador, uma das esculturas mais famosas do artista francês Auguste Rodin, é uma obra geralmente associada à filosofia. Na sua opinião, quais características presentes nesta escultura nos remete ao âmbito da filosofia? Registre a sua resposta considerando os elementos que você estudou nas páginas anteriores. Se possível, incremente a sua resposta a partir de elementos suscitados por situações do seu cotidiano - situações nas quais você comumente se pega refletindo sobre as suas ações, rotinas, planejamentos etc. Uma pergunta fundamental que pode nortear as suas reflexões é:

podemos viver sem lançar mão do pensamento crítico? Quais as consequências de se adotar esse tipo de atitude?

Se possível, compartilhe a sua resposta no fórum de discussões indicado pelo seu professor!

“O que é justiça?”, segundo Aristóteles

Considerando o que foi apresentado até aqui, é fácil compreendermos porque Aristóteles é considerado um dos maiores filósofos que existiu. Muitas pessoas, mesmo não conhecendo a respeito de filosofia, reconhecem (nem que seja de forma vaga) que esse nome não lhe é estranho e possui alguma relação com o campo do pensamento humano. Nesse sentido, após compreender qual a natureza de uma pergunta filosófica, sugerimos que você considere agora alguns elementos que constituem a resposta de Aristóteles à pergunta “o que é justiça?”:

Para determinar o que é a justiça, diz ele [Aristóteles], precisamos distinguir dois tipos de bens: os partilháveis e os participáveis. Um bem é partilhável quando é uma quantidade que pode ser dividida e distribuída - a riqueza é um bem partilhável. Um bem é participável quando é uma

qualidade indivisível, que não pode ser repartida nem distribuída, podendo apenas ser participada - o poder político é um bem participável. Existem, pois, dois tipos de justiça na cidade: a distributiva, referente aos bens econômicos partilháveis, e a participativa, referente ao poder político. A cidade justa saberá distinguir esses dois tipos de justiça e realizar ambos.

A Justiça distributiva consiste em dar a cada pessoa o que lhe é devido, dando desigualmente aos desiguais para torná-los iguais. Suponhamos que a pólis atravessasse um período de fome em decorrência de secas ou enchentes e que adquira alimentos para distribuí-los. Para ser justa, a cidade não poderá reparti-los de modo igual para todos; deve doá-los aos que são pobres, mas vendê-los aos que são ricos, de modo a conseguir fundos para adquirir mais alimentos.

A cidade será injusta, no entanto, se doar a todos ou vender a todos. Também será injusta se atribuir a todos as mesmas quantidades de alimentos, pois dará quantidades iguais para famílias desiguais, umas mais numerosas do que outras.

Na cidade injusta, as leis vedam aos pobres o acesso às riquezas, em vez de lhes permitirem (por meio de limitações à extensão da propriedade, de fixação da boa remuneração aos trabalhadores pobres, de impostos e tributos que recaiam sobre os ricos apenas, etc.). Ora, somente os que não são forçados a labutas ininterruptas para a sobrevivência são capazes de uma vida plenamente humana e feliz.

Em suma, é injusto tratar igualmente os desiguais e é justo tratar desigualmente os desiguais para que recebam os partilháveis segundo suas condições e necessidades. Numa cidade em que a diferença entre ricos e pobres é muito grande, a injustiça vigora, pois não se dá a todos o que lhes é devido como seres humanos, impedindo que uma parte dos cidadãos tenha assegurado o direito à vida boa.

Quanto à justiça do participável, trata-se de garantir a todos os cidadãos o direito de participar do poder. Ao apresentar os diferentes regimes políticos conforme o número dos que participam do poder - na monarquia, um só; na aristocracia, alguns, considerados os melhores; na democracia, todos -, Aristóteles considera este último (o qual denomina regime popular) o mais justo. (CHAUÍ, p. 351).

Percebe como a questão da desigualdade social é abordada por Aristóteles a partir da pergunta “o que é justiça?” Sob a sua perspectiva filosófica, podemos vislumbrar um cuidado na composição da resposta, uma amplitude em seu escopo, um esmero em sua apresentação. Em suma, temos uma resposta de natureza filosófica!

Enfim, vimos que a filosofia é uma expressão do âmago humano que sempre está em busca por respostas. Mas com certeza você sabe que há outras formas de conhecermos as coisas com as quais nos deparamos ao longo de nossas vidas. E, assim sendo, vale a pena destacarmos duas delas: o senso comum e a atitude científica.

O senso comum

O senso comum é o saber que é passado de geração em geração e nos favorece a lidar com as coisas do dia a dia. São “certezas” compartilhadas com as quais vamos nos acostumando desde a infância. Por exemplo: toda cor existe na natureza em si mesma, tal como a percebemos - o azul do céu, o amarelo do girassol, o vermelho do sangue etc. Isso é o que a nossa experiência cotidiana nos leva a crer, não é mesmo? Mas precisamos tomar alguns cuidados com o senso comum! Quando precisamos de informações mais apuradas acerca da realidade, talvez seja melhor lançarmos mão de uma abordagem diferente... Isso porque o senso comum possui as seguintes características:

- são subjetivos, isto é, exprimem sentimentos e opiniões individuais e de grupos, variando de acordo com as condições em que vivem. [...]
- por serem subjetivos, levam a uma avaliação qualitativa das coisas conforme os efeitos que produzem em nossos órgãos dos sentidos. [...]
- agrupam ou distinguem as coisas e os fatos conforme pareçam semelhantes ou diferentes. [...]
- são individualizadores, isto é, nos fazem acreditar que cada coisa ou cada fato que nos aparece é um indivíduo distinto de outros por ter qualidades que nos afetam de maneira diferente. [...]
- em contrapartida, também são generalizadores, pois tendem a reunir numa só opinião ou numa só ideia coisas e fatos julgados semelhantes. [...]
- em decorrência das generalizações, tendem a estabelecer relações de causa e efeito entre as coisas ou entre os fatos. [...]
- não se surpreendem nem se admiram com a regularidade, constância, repetição e diferença das coisas. Ao contrário, a admiração e o espanto se dirigem para o que é imaginado como único, extraordinário. [...]
- por não compreenderem o que seja investigação científica, tendem a vê-la quase como magia, concluindo que tanto a magia como a investigação científica lidam com o misterioso,

- o oculto, o incompreensível. [...]
- costumam projetar nas coisas ou no mundo sentimentos de angústia e de medo diante do desconhecido. [...]
- por serem subjetivos, generalizadores e expressarem sentimentos de medo, angústia e incompreensão diante do trabalho científico, nossas certezas cotidianas e o senso comum de nossa sociedade ou de nosso grupo social cristalizam-se em preconceitos. [...]

(CHAUI, p. 238)

A atitude científica

Beleza... O senso comum pode ser um aliado em algumas ocasiões banais em meio ao corre-corre do cotidiano, mas uma vez que o senso comum pode fundamentar preconceitos e crenças limitantes, devemos sempre colocá-lo em dúvida para buscar fundamentos mais seguros para as nossas reflexões e ações diárias. Nesse sentido, vimos que a atitude filosófica é uma atitude problematizadora muito importante para encontrarmos respostas satisfatórias aos questionamentos que somos levados a fazer cotidianamente. - mas há outra forma de abordar a realidade que nos circunda: a atitude científica. Parecida com a atitude filosófica no que diz respeito ao rigor de seus procedimentos investigativos, a atitude científica se pauta pelo método experimental e possui as seguintes características:

- é objetivo, pois investiga as estruturas universais e necessárias das coisas investigadas. [...]
- é quantitativo, ou seja, busca medidas, padrões, critérios de comparação e de avaliação para coisas que parecem diferentes. [...]
- é homogêneo, isto é, busca as leis gerais de funcionamento dos fenômenos, que são as mesmas para fatos que nos parecem diferentes. [...]
- é universalizante, pois reúne individualidades sob as mesmas leis, os mesmos padrões ou critérios de medida, mostrando que têm a mesma estrutura, embora sejam sensorialmente percebidas como diferentes. [...]
- é diferenciador, pois não reúne em um mesmo conjunto nem generaliza o que é apenas aparentemente semelhante. [...]
- estabelece relações causais somente depois de investigar a natureza ou estrutura do fato estudado e suas relações com outros semelhantes ou diferentes. [...]

- não se surpreende nem com a regularidade, constância, frequência, repetição e diferença das coisas nem com fatos que não sejam frequentes ou constantes. [...]
- distingue-se da magia. A magia admite que existe uma simpatia ou afinidade secreta entre coisas diferentes que as faz agir umas sobre outras por meio de qualidades ocultas (por exemplo, os astros agem sobre a vida humana). [...]
- afirma que, pelo conhecimento, o ser humano pode libertar-se do medo e das superstições, deixando de projetá-los no mundo e nos outros.
- procura renovar-se e modificar-se continuamente, evitando a transformação das teorias em doutrinas e destas em preconceitos sociais. [...] (CHAUÍ, p. 239-240)

Entendendo como a atitude científica procede, podemos, por exemplo, compreender que as cores não possuem existência por si mesmas - na verdade, elas derivam de reflexos ou absorção de ondas de diferentes comprimentos pelos objetos que enxergamos. Nesse sentido, a Óptica é uma aliada mais significativa do que o senso comum, não acha?

Recapitulando: até aqui você aprendeu o que é filosofia; quais as características da atitude filosófica e da reflexão filosófica; o que é um pensamento sistemático; como Aristóteles concebe a justiça; e qual a diferença entre senso comum e atitude científica. Vamos adiante?

II. A FILOSOFIA NA GRÉCIA ANTIGA

Comumente dizemos que a filosofia nasceu na Grécia Antiga. No entanto, precisamos nos lembrar que a atitude filosófica se faz presente em épocas e povos diversos - assim sendo, podemos falar de filosofia africana, filosofia indiana, filosofia chinesa, filosofia islâmica etc. É importante deixarmos isso demarcado para não cairmos na bobeira de acreditar que existe apenas uma forma de fazer filosofia - a filosofia europeia, tal como comumente encontramos sendo trabalhada em nossas escolas. Isto posto, vamos tentar entender as condições de possibilidade para o surgimento da filosofia grega antiga.

Imagem 2: A Acrópole de Atenas



Fonte: Wikipédia, 2024

O mito

Certamente você conhece alguma coisa sobre mitologia grega. Zeus é o pai de todos os deuses; Ares é o deus da guerra; Poseidon é a divindade que reina sobre os mares; o herói Hércules (ou Hércules, em sua forma romana) possui uma força descomunal e derrotou o Leão de Neméia com os próprios braços - o famigerado golpe “mata-leão”; o titã Prometeu roubou o fogo divino e o deu aos seres humanos de modo a tornar as suas vidas mais significativas... Enfim, muitas são as histórias que compõem a mitologia grega. Essas histórias serviam como explicações dos fenômenos vivenciados pelos povos, possibilitando às pessoas lidar de modo mais seguro com eventos climáticos, relações humanas, adversidades de todas as espécies etc. Os principais responsáveis por registrar e transmitir boa parte dessas narrativas mitológicas são Homero (*Ilíada* e *Odisseia*) e Hesíodo (*Teogonia* e *Trabalhos e dias*).

Mas, no final das contas, o que é um mito?

Como processo de compreensão da realidade, o mito não é lenda, pura fantasia, mas verdade. Quando pensamos em verdade, é comum nos referirmos à coerência lógica, garantida pelo rigor da argumentação e pela apresentação de provas. A verdade do mito, porém, resulta de uma intuição compreensiva da realidade, cujas raízes se fundam na emoção e na afetividade. Nesse sentido, antes de interpretar o mundo de maneira argumentativa, o mito expressa o que desejamos ou tememos, como somos atraídos pelas coisas ou como delas nos afastamos.

Não se trata, porém, de qualquer intuição. Para melhor circunscrever o

conceito de mito, precisamos de outro componente: o mistério pois ele sempre é um enigma a ser decifrado e como tal representa nosso espanto diante do mundo.

Segundo alguns intérpretes, o "falar sobre o mundo" simbolizado pelo mito está impregnado do desejo humano de afugentar a insegurança, os temores e a angústia diante do desconhecido, do perigo e da morte. Para tanto, os relatos míticos se sustentam na crença, na fé em forças superiores que protegem ou ameaçam, recompensam ou castigam.

Entre as comunidades tribais, os mitos constituem um discurso de tal força que se estende por todas as esferas da realidade vivida. Desse modo, o sagrado (ou seja, a relação entre a pessoa e o divino) permeia todos os campos da atividade humana. Por isso, os modelos de construção mítica são de natureza sobrenatural, isto é, recorre-se aos deuses para essa compreensão do real. (ARANHA & MARTINS, p. 27).

O surgimento da filosofia

A importância dos mitos sempre acompanhou a cultura grega - seja enquanto justificativas de manifestações naturais e culturais, seja enquanto fonte de histórias para a formação do caráter humano. Assim o foi antes do surgimento da filosofia - e, de certa forma, mesmo depois do advento desta. No entanto, com o aparecimento da filosofia, uma nova perspectiva de encarar o mundo ganha espaço e se torna um dos elementos identitários mais relevantes da cultura grega. Explicações mitológicas e filosóficas coexistiram (e coexistem até hoje), mas a filosofia acabou se mostrando mais sedutora e convincente, elegendo o *lógos* (razão) como a grande referência de interpretação da realidade.

Ok, mas como a filosofia surgiu na Grécia Antiga? Não há uma resposta simples para essa questão. No entanto, podemos apontar algumas pistas que podem favorecer a compreensão desse evento tão importante para a cultura ocidental. Em um dado momento, provavelmente entre os séculos VIII - VI a.C., algumas cidades-Estado gregas passaram por mudanças substanciais (algo que alguns autores chegaram a chamar de "milagre grego"). São eventos como a invenção da escrita, o surgimento da moeda, o estabelecimento da lei escrita e a fundação da pólis - dentre outros - que provavelmente favoreceram a "passagem" de uma mentalidade mais mítica para o registro do pensamento crítico-racional característico da filosofia.

A invenção da escrita

A escrita gera nova idade mental porque a postura de quem escreve é diferente daquela de quem apenas fala. Como a escrita fixa a palavra para

além de quem a proferiu, exige maior rigor e clareza, o que estimula o espírito crítico. Além disso, a retomada posterior do que foi escrito - não só por contemporâneos, mas por outras gerações - abre os horizontes do pensamento e proporciona o distanciamento do vivido e o confronto das ideias.

Portanto, a escrita surge como possibilidade maior de abstração, de uma reflexão aprimorada que tenderá a modificar a própria estrutura do pensamento. (ARANHA & MARTINS, p. 37).

O surgimento da moeda

A moeda, inventada na Lídia - região da atual Turquia-, apareceu na Grécia por volta do século VII a.C., vindo facilitar os negócios e impulsionar o comércio. Com o recurso da moeda, os produtos que antes se restringiam ao seu valor de uso passaram a ter valor de troca, isto é, transformaram-se em mercadoria. Emitida e garantida pela pólis, a moeda fazia reverter seus benefícios para a própria comunidade.

Além desse efeito político de democratização de um valor, a moeda sobrepunha aos símbolos sagrados e afetivos o caráter racional de sua concepção: a moeda representa uma convenção humana, noção abstrata de valor que estabelece a medida comum entre valores diferentes. Nesse sentido, a invenção da moeda desempenha papel revolucionário, por vincular-se ao nascimento do pensamento racional crítico. (ARANHA & MARTINS, p. 38).

O estabelecimento da lei escrita

A justiça, até então dependente da interpretação da vontade divina ou da arbitrariedade dos reis, tornou-se codificada numa legislação escrita. Regra comum a todos, norma racional, sujeita à discussão e à modificação, a lei escrita passou a encarnar uma dimensão propriamente humana.

As reformas da legislação de Clístenes fundaram a pólis sobre nova base: a antiga organização tribal foi abolida e estabeleceram-se relações que não mais dependiam da consanguinidade, mas eram determinadas por uma organização administrativa. Essas modificações expressam o ideal igualitário que preparava a democracia nascente, já que a unificação do corpo social aboliu a hierarquia fundada no poder aristocrático das famílias, que se assentava na submissão e no domínio. (ARANHA & MARTINS, p. 38).

A fundação da pólis

A originalidade da pólis é que ela estava centralizada na ágora (praça pública), espaço onde se debatiam os problemas de interesse comum. Separavam-se na pólis o domínio público e o privado: isso significava que ao ideal de valor de sangue, restrito a grupos privilegiados em função do nascimento ou fortuna, se sobrepunha a justa distribuição dos direitos dos cidadãos como representantes dos interesses da cidade. [...]

A pólis se fez pela autonomia da palavra, não mais a palavra mágica dos mitos, palavra dada pelos deuses e, portanto, comum a todos, mas a palavra humana do conflito, da discussão, da argumentação. Expressar-se por meio do debate fez nascer a política, que permite ao indivíduo tecer seu destino na praça pública. Da instauração da ordem humana surgiu o cidadão da pólis, figura inexistente no mundo da comunidade tribal e das aristocracias rurais. (ARANHA & MARTINS, p. 39).

Após conferir as breves informações apresentadas acima, sobre a invenção da escrita, o surgimento da moeda, o estabelecimento da lei escrita e a fundação da pólis, fica mais fácil compreendermos como o pensamento crítico-racional passa a ganhar relevância em meio à vida das cidades-Estado gregas. Nesse sentido, a filosofia nasce do seio da política, pautada pela liberdade e sob a égide da justiça - coroando um momento único em nossa história ocidental.

Resumindo: até aqui você aprendeu o que é mito; e qual a importância da invenção da escrita, do surgimento da moeda, do estabelecimento da lei escrita e da fundação da pólis para o nascimento da filosofia grega antiga. Bora avançar mais um pouco?

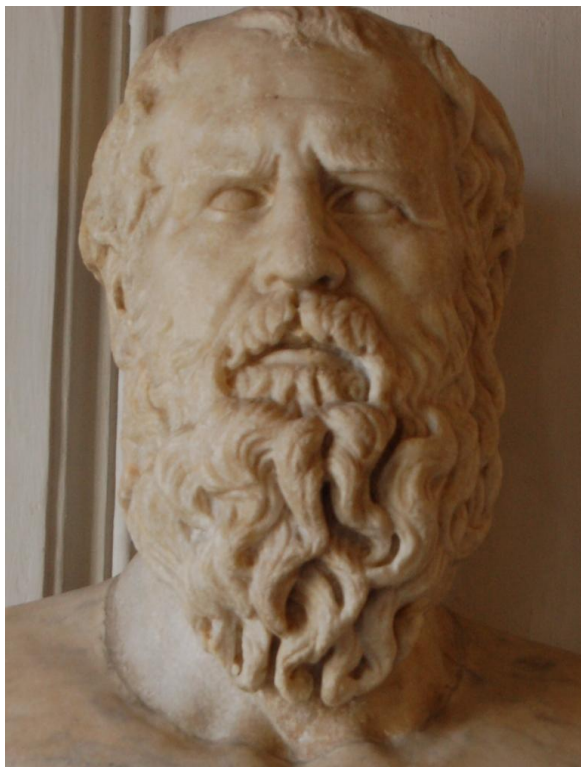
III. OS PRINCIPAIS REPRESENTANTES DA FILOSOFIA GREGA ANTIGA

Os filósofos pré-socráticos

Nos primórdios da filosofia grega ainda podemos encontrar alguns resquícios da forma poética que era típica das narrativas míticas - apesar da escrita em prosa já ser dominante por aqui.... Nesse período, denominado pré-socrático (séculos VII-VI a.C.), encontramos os primeiros filósofos gregos, cujo principal foco de pesquisa era a natureza. Nesse sentido, eram comuns reflexões de ordem cosmológica, caracterizadas principalmente pela busca de um princípio estável, o fundamento do ser - isto é, a "*arkhé*", o elemento constitutivo de todas as coisas. Infelizmente, das obras dos filósofos pré-socráticos, restaram apenas fragmentos, geralmente compilados e comentados por filósofos dos séculos seguintes. Mas ainda hoje podemos

conferir o quão diversas e argutas eram as perspectivas desses filósofos sobre a natureza (*physis*):

- Para Tales de Mileto (640-c.548 a.C.), astrônomo, matemático e primeiro filósofo, a *arkhé* é a água;
- De acordo com Pitágoras (séc. VI a.C), filósofo e matemático, o número é a essência de tudo; todo o cosmo é harmonia, porque é ordenado pelos números.
- Para Anaximandro (610-547 a.C.), o fundamento dos seres é uma matéria indeterminada, ilimitada (*ápeiron*, em grego), que daria origem a todos os seres materiais.
- Para Anaxímenes (588-524 a.C.), é o ar, que pela rarefação e condensação faz nascer e transformar todas as coisas.
- Parmênides de Eléia (c.544-450 a.C.) e Heráclito de Éfeso (sécs. VI-V a.C.) desenvolveram teorias que entraram em conflito e instigaram os filósofos do período clássico. Enquanto para Parmênides o ser real é imóvel, imutável e o movimento é uma ilusão, para Heráclito tudo flui e tudo o que é fixo é ilusão: "não nos banhamos duas vezes no mesmo rio".
- Anaxágoras (499-428 a.C.), nascido em Clazômena, mudou-se para Atenas, onde foi mestre de Péricles. Sustentava que as "sementes" de todas as coisas foram ordenadas por um princípio inteligente, uma Inteligência cósmica (*Nous*, em grego).
- Os quatro elementos, terra, água, ar e fogo, constituem a teoria de Empédocles (483-430 a.C.).
- Os filósofos Leucipo (séc. V a.C.) e Demócrito (c.460-c.370 a.C.) são atomistas, por considerarem o elemento primordial constituído por átomos, partículas indivisíveis. Como para eles também a alma era formada por átomos, estamos diante de uma concepção materialista e determinista. (ARANHA & MARTINS, p. 40-41).



Fonte: Wikipédia, 2024

Exercício de reflexão...

Heráclito é um dos filósofos mais interessantes do período pré-socrático. Conhecido como “o obscuro”, este filósofo se dedicou a reflexões sobre a mudança e a impermanência que caracteriza a realidade na qual vivemos. Considerando essa característica do pensamento de Heráclito, reflita sobre o significado de sua sentença “não nos banhamos duas vezes no mesmo rio”, citada anteriormente. Registre a sua resposta, sistematizando por escrito os seus pensamentos sobre essa questão.

Se possível, compartilhe a sua resposta no fórum de discussões indicado pelo seu professor!

Sócrates

No final do período que denominamos de pré-socrático, surge uma figura emblemática na pólis grega, que traz uma mudança substancial para o modo de se fazer filosofia. Se antes a principal preocupação no âmbito filosófico era de cunho cosmológico, a partir do século V a.C. vemos outras questões ganhando destaque, como é o caso da antropologia, da ética e da política - ciências que, em última instância, possuem o ser humano como centro da investigação. Nesse sentido, perguntas como “o que é a justiça?”, “o que é a felicidade?”, “o que é a coragem?”, “o que é o conhecimento?” e “o que é a alma?” passam a dar o tom da reflexão filosófica no período clássico da filosofia grega antiga.

Considerando essa nova perspectiva do pensamento grego, talvez a figura mais paradigmática deste período seja Sócrates (c.470-399 a.C.). Tendo nascido e vivido toda a sua vida em Atenas, geralmente filosofava a céu aberto, na praça da cidade, sem cobrar nada de seus alunos e transeuntes que eventualmente paravam (ou eram parados!) para o escutar. Apesar de não ter escrito nada em vida, conhecemos bem a sua filosofia a partir dos registros realizados por seus estudantes - dentre os quais, Platão se destacou. Ficou conhecido pela sua ironia e seu método dialético de conduzir conversas - no qual a maiêutica desempenha um papel importante.

No sentido comum, usamos a ironia para dizer algo e expressar exatamente o contrário. Por exemplo: afirmamos que alguma coisa é bonita, mas na verdade insinuamos que é muito feia. Diferentemente, para Sócrates, a ironia consiste em perguntar, simulando não saber. Desse modo, o interlocutor expõe sua opinião, à qual Sócrates contrapõe argumentos que o fazem perceber a ilusão do conhecimento.

A maiêutica centra-se na investigação dos conceitos. Para tanto, Sócrates faz novas perguntas para que seu interlocutor possa refletir. Portanto não ensina, mas o interlocutor descobre o que já sabia. Sócrates dizia que, enquanto sua mãe fazia parto de corpos, ele ajudava a trazer à luz ideias. (ARANHA & MARTINS, p. 21).

Conhecido pela famosa frase “Só sei que nada sei”, Sócrates foi acusado e condenado à morte por corromper a juventude e não reconhecer os deuses oficiais da cidade. Enquanto aguardava o momento de sua morte - por ingestão de um veneno chamado cicuta -, Sócrates refletia junto aos seus discípulos sobre a imortalidade da alma, a primazia desta sobre o corpo e, no final das contas, sobre o porquê filosofar equivale a aprender a morrer (o ser humano é composto de corpo e alma; a nossa verdadeira essência é a alma; ao morrermos, liberamos a alma do corpo - ou seja, libertamos quem realmente somos de uma espécie de prisão).

Platão

Platão foi o discípulo de maior prestígio de Sócrates. Concebeu uma escola de filosofia chamada Academia e, sob muitos aspectos, deu continuidade às reflexões desenvolvidas por seu mestre. É o caso, por exemplo, de suas investigações antropológicas. Nesse âmbito, o dualismo platônico merece um grande destaque - tanto por possuir relação com as suas reflexões metafísica, epistemológica, política etc., quanto por influenciar de modo incisivo boa parte da filosofia ocidental que se seguiu a ele.

Durante muito tempo os filósofos ocidentais explicaram o ser humano como composto de duas partes diferentes e separadas: o corpo (material) e a alma (espiritual e consciente). Chamamos de dualismo psicofísico essa dupla realidade da consciência separada do corpo.

Segundo Platão, antes de se encarnar, a alma teria vivido no mundo das ideias, onde tudo conheceu por simples intuição, ou seja, por conhecimento intelectual direto e imediato, sem precisar usar os sentidos. Quando a alma se une ao corpo, ela se degrada, por se tornar prisioneira dele. Passa então a se compor de duas partes:

- a) alma superior (a alma intelectual);
- b) alma inferior e irracional (a alma do corpo).

Esta, por sua vez, divide-se em duas partes:

- a alma irascível, impulsiva, sede da coragem, localizada no peito;
- a alma concupiscível, centrada no ventre e sede do desejo intenso de bens ou gozos materiais, inclusive o apetite sexual.

Escravizada pelo sensível, a alma inferior conduz à opinião e, conseqüentemente, ao erro, perturbando o conhecimento verdadeiro. O corpo é também ocasião de corrupção e decadência moral, caso a alma superior não saiba controlar as paixões e os desejos. Portanto, todo esforço humano consiste no domínio da alma superior sobre a inferior. (ARANHA & MARTINS, p. 85).

Essa distinção entre corpo e alma é a base de boa parte da filosofia platônica - e é na famosa passagem de sua obra *República*, conhecida como Alegoria da Caverna, que encontramos uma descrição bem significativa da dicotomia entre Inteligível e Sensível que fundamenta não só a antropologia platônica, como também a sua epistemologia e política, por exemplo.

A alegoria da caverna é a metáfora que serve de base para Platão expor a dialética dos graus do conhecimento. Sair das sombras para a visão do Sol representa a passagem dos graus inferiores do conhecimento aos superiores: na teoria das ideias, Platão distingue o mundo sensível, o dos fenômenos, do mundo inteligível, o das ideias.

O mundo sensível, percebido pelos sentidos, é o local da multiplicidade, do movimento; é ilusório, pura sombra do verdadeiro mundo. Por exemplo, mesmo que existam inúmeras abelhas dos mais variados tipos, a ideia de abelha deve ser una, imutável, a verdadeira realidade.

O mundo inteligível é alcançado pela dialética ascendente, que fará a alma elevar-se das coisas múltiplas e mutáveis às ideias unas e imutáveis. As ideias gerais são hierarquizadas, e no topo delas está a ideia do Bem, a mais alta em perfeição e a mais geral de todas - na alegoria, corresponde à metáfora do Sol. Os seres em geral não existem senão enquanto participam do Bem. E o Bem supremo é também a Suprema Beleza.

Percebemos, então, que acima do ilusório mundo sensível, há as ideias gerais, ou seja, as essências imutáveis, que atingimos pela contemplação e pela depuração dos enganos dos sentidos. Como as ideias são a única verdade, o mundo dos fenômenos só existe na medida em que participa do mundo das ideias, do qual é apenas sombra ou cópia. Trata-se da teoria da participação, mais tarde duramente criticada por Aristóteles.

Se lembrarmos o que foi dito a respeito dos pré-socráticos, podemos constatar que Platão procura superar a oposição entre o pensamento de Heráclito, que afirma a mutabilidade essencial do ser, e o de Parmênides, para quem o ser é imóvel. Platão resolve o problema: o mundo das ideias se refere ao ser parmenídeo, e o mundo dos fenômenos ao devir heraclitiano. (ARANHA & MARTINS, p. 155).

No trecho acima você pôde conferir um pouco de como a epistemologia platônica está organizada - isto é, você conferiu de que modo o conhecimento é organizado (mundos Sensível e Inteligível/Mundo das Ideias), como devemos proceder para ter acesso à verdade (se precaver com relação aos sentidos e priorizar a busca pelo Bem, a partir do cuidado com os domínios da alma) e como a tradição filosófica se desdobra a partir de questões apresentadas pela comunidade filosófica (problematizações realizadas por Heráclito e Parmênides como elementos mobilizadores do pensamento platônico). Ainda tomando como referência a Alegoria da Caverna, podemos ainda conferir de que modo Platão concebe a sua teoria política.

Segundo a interpretação epistemológica, aqueles que são prisioneiros na caverna e tomam as sombras como se fossem a realidade, ao serem libertos, elevam-se da opinião à ciência, alcançando o verdadeiro conhecimento. Tornam-se, então, filósofos, e devem retornar ao meio das pessoas comuns para orientá-las no reto caminho do saber.

A interpretação política decorre da pergunta: "Como influenciar aqueles que não veem?". Cabe ao sábio ensinar, procedendo à educação política, pela transformação das pessoas e da sociedade, desde que essa ação seja orientada pelo modelo ideal contemplado. Mais que isso, o filósofo deve governar.

Platão imagina então uma cidade utópica, a Calípolis.

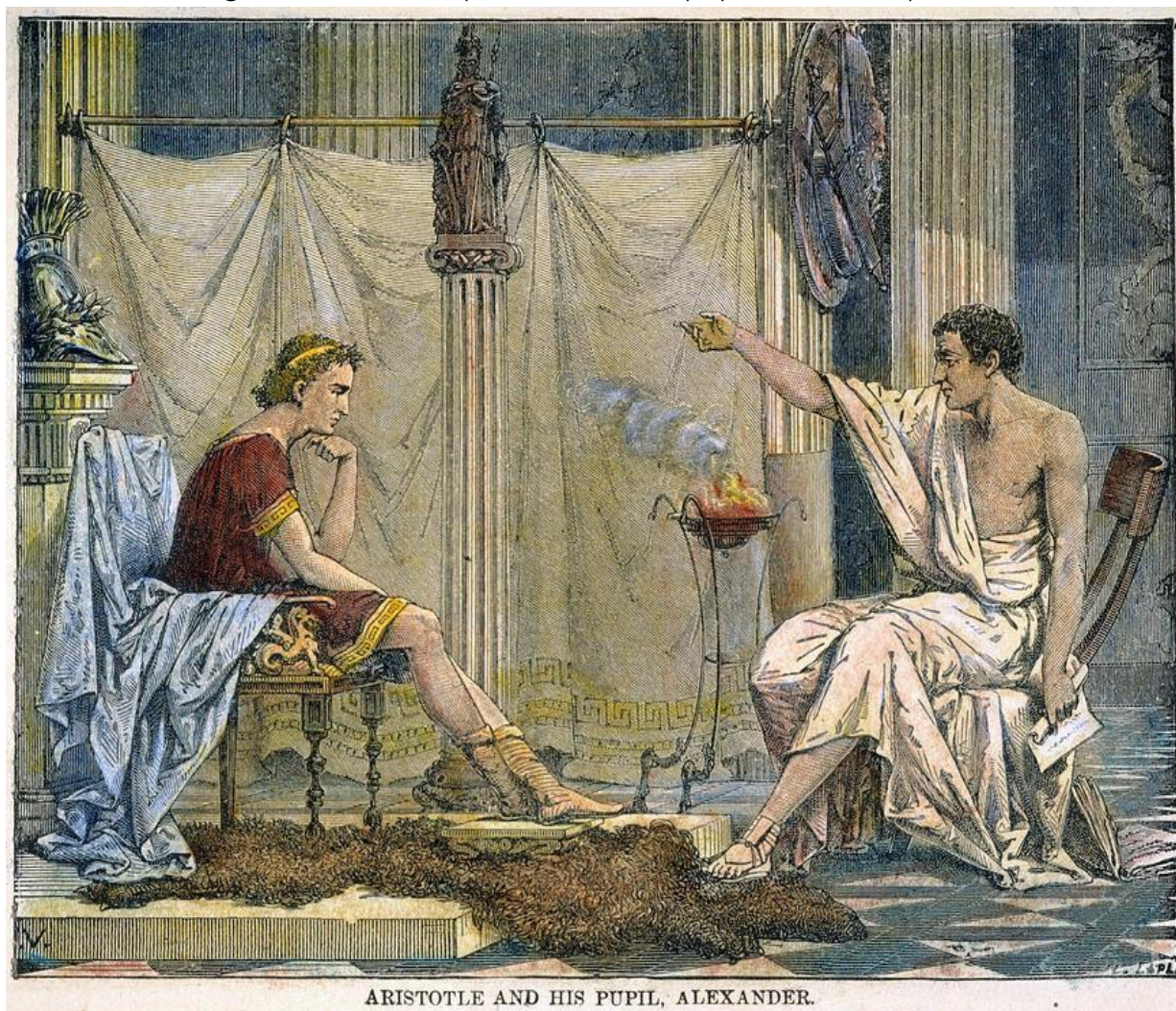
Partindo do princípio de que as pessoas são diferentes, e por isso ocupam lugares e funções diversas na sociedade, Platão propõe que o Estado, e não a família, assuma a educação das crianças até os 7 anos, evitando assim a cobiça e os interesses decorrentes dos laços afetivos e das relações humanas inadequadas. O Estado orientaria também para que não se consumassem casamentos entre desiguais, oferecendo melhores condições de reprodução e, ao mesmo tempo, criando instituições para a educação coletiva das crianças. [...]

Se para Platão a política é a arte de governar as pessoas com o seu consentimento, e o político é aquele que conhece essa difícil arte, só poderá ser chefe quem conhece a ciência política. Por isso a democracia

é inadequada, porque a igualdade só é possível na repartição dos bens, mas nunca no igual direito ao poder. Para o Estado ser bem governado, é preciso que "os filósofos se tomem reis, ou que os reis se tomem filósofos". Portanto, Platão propõe um modelo aristocrático de poder, não uma aristocracia da riqueza, mas aquela em que o poder é confiado aos mais sábios. Ou seja, trata-se de uma sofocracia. (ARANHA & MARTINS, p. 288-289)

Aristóteles

Imagem 4: Aristóteles (Aristóteles e seu pupilo, Alexandre)



Fonte: Wikipédia, 2024

Exercício de reflexão...

Para Aristóteles - um dos filósofos mais importantes da história - a virtude é o justo meio entre dois extremos. Isso significa que, quando as nossas ações são desequilibradas (isto é, caracterizadas por falta ou excesso), elas sempre irão impactar negativamente as nossas vidas. Esse tipo de ação prejudicial é o que Aristóteles chama de vício. Um exemplo de virtude:

magnanimidade. A pessoa magnânima é aquela que busca honras de modo prudente, sem se deixar corromper por poder e riquezas. A partir deste exemplo, reflita sobre como as virtudes se manifestam em sua vida... Agir de modo virtuoso é algo difícil? Quais os principais empecilhos que encontramos hoje em dia quando tentamos agir virtuosamente? Registre a sua resposta organizando as ideias que você concebeu a respeito deste tema.

Dando continuidade à tradição filosófica grega, temos Aristóteles - discípulo de Platão e um dos mais prolíficos pensadores da antiguidade. Nascido em Estagira (Macedônia), Aristóteles abordou temas diversos em sua obra: biologia, meteorologia, interpretação de sonhos, psicologia, teatro etc. Tratou também de assuntos que ainda hoje impactam decisivamente os modos como fazemos filosofia e ciência - como é o caso, por exemplo, da epistemologia, da ética e da política. De modo indireto, Aristóteles contribuiu para a helenização (ou seja, disseminação da cultura grega) de boa parte do mundo antigo (Europa, África, Ásia), uma vez que foi mestre de Alexandre Magno - conquistador macedônico que já teve um dos maiores impérios conhecidos da história.

Até o final da Idade Média, o pensamento aristotélico foi muito influente, servindo de base para o desenvolvimento da filosofia escolástica e sendo aceito de modo quase unânime enquanto parâmetro científico e de pesquisa intelectual. Dentre os saberes em que se destacou enquanto expoente de prestígio, a sua epistemologia / metafísica merece grande destaque - uma vez que se difere drasticamente das propostas de seu mestre Platão (principalmente com relação ao Mundo das Ideias) ao conceber uma doutrina hilemorfista (todos os objetos materiais são compostos por forma e matéria).

SUBSTÂNCIA: ESSÊNCIA E ACIDENTE

Costuma-se dizer que Aristóteles "traz as ideias do céu à terra" porque, para rejeitar a teoria das ideias de Platão, reuniu o mundo sensível e o inteligível no conceito de substância: cada ser que existe é uma substância.

A substância é "aquilo que é em si mesmo", o suporte dos atributos. Esses atributos podem ser essenciais ou acidentais:

- A essência é o atributo que convém à substância de tal modo que, se lhe faltasse, a substância não seria o que é.
- O acidente é o atributo que a substância pode ter ou não, sem deixar de ser o que é. [...]

MATÉRIA E FORMA

Além dos conceitos de essência e acidente, Aristóteles recorre às noções de matéria e forma. Todo ser é constituído de matéria e forma, princípios indissociáveis.

- Matéria é o princípio indeterminado de que o mundo físico é composto, é "aquilo de que é feito algo". Trata-se da matéria indeterminada. Quando nos referimos à matéria concreta, trata-se de matéria segunda.
- Forma é "aquilo que faz com que uma coisa seja o que é". Nesse sentido, a forma é geral (o que faz com que todo animal ou vegetal sejam o que são). [...]

POTÊNCIA E ATO

Ao explicitar os conceitos de matéria e forma, é necessário recorrer aos de potência e ato, que explicam como dois seres diferentes podem entrar em relação, atuando um sobre o outro. Então:

- A potência é a capacidade de tornar-se alguma coisa, é aquilo que uma coisa poderá vir a ser. Para se atualizar, todo ser precisa sofrer a ação de outro já em ato.
- O ato é a essência (a forma) da coisa tal como é aqui e agora. [...]

A TEORIA DAS QUATRO CAUSAS

As considerações anteriores tornam mais claro o princípio de causalidade de acordo com Aristóteles: "Tudo o que se move é necessariamente movido por outro". O devir consiste na tendência que todo ser tem de realizar a forma que lhe é própria.

Há quatro sentidos para causa: material, formal, eficiente e final.

Por exemplo, numa estátua:

- a causa material é aquilo de que a coisa é feita (o mármore);
- a causa eficiente é aquela que dá impulso ao movimento (o escultor que a modela);
- a causa formal é aquilo que a coisa tende a ser (a forma que a estátua adquire);
- a causa final é aquilo para o qual a coisa é feita (a finalidade de fazer a estátua: a beleza, a glória, a devoção religiosa etc.).

Essas são as causas que explicam o movimento, que para Aristóteles é eterno.

(ARANHA & MARTINS, p. 157-159)

Além das reflexões epistemológicas / metafísicas de Aristóteles, vale a pena destacarmos alguns elementos que compõem a sua ética. As principais reflexões de Aristóteles sobre este tema podem ser encontradas em sua obra *Ética a Nicômaco*, na qual ele trata, essencialmente, do fim último em relação às ações humanas. Nesse sentido, na ética aristotélica somos apresentados a reflexões sobre as coisas que instigam os nossos desejos e podem - ou não! - garantir a nós uma boa vida. Mas, no final das contas, existiria alguma coisa unânime, aceita por todos como sendo o Sumo Bem que todos buscamos ao longo de nossas vidas? Segundo Aristóteles, após analisar vários bens desejáveis (prazeres, riquezas, fama, poder etc.), é possível identificar um bem dentre todos os outros que se destaca, que relega todos os outros bens analisados ao título de meros meios para se alcançar esse bem último - bem último este que, segundo Aristóteles, é a Felicidade (eudaimonia).

A FELICIDADE

Portanto, prazer, riqueza, honra, fama não são condições necessárias para nos conduzirem à felicidade, porque só nos tornarão felizes as ações mais próximas daquilo que é essencialmente peculiar ao ser humano. E o que mais o caracteriza é a atividade da alma que segue um princípio racional: ou seja, o exercício da inteligência teórica, da contemplação.

É certo que, tal como Platão, Aristóteles reservava ao filósofo o exercício mais complexo da racionalidade, mas reconhece que também as pessoas comuns aspiram pelo saber e se deleitam com ele, satisfeitas quando esclarecem dúvidas ou compreendem melhor algo que antes lhes parecia confuso.

A VIRTUDE

A vida humana, porém, não se resume ao intelecto, e encontra sua expressão na ação, em uma atividade bem realizada; o objetivo é, portanto, combinar um certo modo de vida com um princípio racional. Por exemplo, "a função de um tocador de lira é tocar lira, e a de um bom tocador de lira é fazê-lo bem"? Ou seja, o bem é a atividade exercida de acordo com a sua excelência ou virtude.

Virtude é a permanente disposição de caráter para querer o bem, o que supõe a coragem de assumir os valores escolhidos e enfrentar os obstáculos que dificultam a ação. [...]

Portanto, assim como o intelecto se desenvolve pelo exercício da aprendizagem, também a virtude resulta da prática, do hábito.

O JUSTO MEIO

A moral não é uma ciência exata e enfrenta a dificuldade de lidar com os elementos irracionais da alma, como os afetos fortes das paixões humanas, a fim de submetê-los à ordem da razão. Por isso, Aristóteles desenvolve a teoria da mediania, pela qual toda virtude é boa quando é controlada no seu excesso e na sua falta. Em outras palavras, agir virtuosamente é encontrar o justo meio entre dois extremos, que são chamados vícios. Veja alguns exemplos:

- A virtude da coragem pode tornar-se excessiva quando é temeridade (audácia excessiva) e deficiente na covardia; [...]. (ARANHA & MARTINS, p. 249-250)

Resumindo: até aqui você aprendeu alguns elementos da filosofia pré-socrática, socrática (ironia e maiêutica), platônica (antropologia, epistemologia e política) e aristotélica (epistemologia, metafísica e ética).

IV. LEITURA FILOSÓFICA

Até aqui você leu alguns comentários acerca da história e das características da filosofia. Para complementar os seus estudos, logo abaixo você encontra um excerto da bibliografia primária da filosofia - ou seja, ao invés de um comentário ou explicação sobre a filosofia de algum pensador, você irá ler um breve texto de autoria de algum filósofo propriamente dito. Aqui, no caso, separamos um trecho da *República* de Platão - a Alegoria da Caverna. Boa leitura!

Sócrates: Agora leva em conta nossa natureza, segundo tenha ou não recebido educação e compará-la com o seguinte quadro: imagina uma caverna subterrânea, com uma entrada ampla, aberta à luz em toda a sua extensão. Lá dentro, alguns homens se encontram, desde a infância, amarrados pelas pernas e pelo pescoço de tal modo que permanecem imóveis e podem olhar tão somente para a frente, pois as amarras não lhes permitem voltar à cabeça. Num plano superior, atrás deles, arde um fogo a certa distância. E entre o fogo e os prisioneiros eleva-se um caminho ao longo do qual se imagina que tenha sido construído um pequeno muro semelhante aos tabiques que os titeriteiros interpõem entre si e o público a fim de, por cima deles, fazer movimentar as marionetes.

Glauco: Posso imaginar a cena.

Sócrates: Imagina também homens que passam ao longo desse pequeno muro carregando uma enorme variedade de objetos cuja altura

ultrapassa a do muro: estátuas e figuras de animais feitas de pedra, madeira e outros materiais diversos. Entre esses carregadores há, naturalmente, os que conversam entre si e os que caminham silenciosamente.

Glauco: Trata-se de um quadro estranho e de estranhos prisioneiros.

Sócrates: Eles são como nós. Acreditas que tais homens tenham visto de si mesmos e de seus companheiros outras coisas que não as sombras projetadas pelo fogo sobre a parede da caverna que se encontra diante deles?

Glauco: Ora, como isso seria possível se foram obrigados a manter imóvel a cabeça durante toda a vida?

Sócrates: E quanto aos objetos transportados ao longo do muro, não veriam apenas suas sombras?

Glauco: Certamente.

Sócrates: Mas, nessas condições, se pudessem conversar uns com os outros, não supões que julgariam estar se referindo a objetos reais ao mencionar o que veem diante de si?

Glauco: Necessariamente. [...]

Sócrates: Imagina agora o que sentiriam se fossem liberados de seus grilhões e curados de sua ignorância, na hipótese de que lhes acontecesse, muito naturalmente, o seguinte: se um deles fosse libertado e subitamente forçado a se levantar, virar o pescoço, caminhar e enxergar a luz, sentiria dores intensas ao fazer todos esses movimentos e, com a vista ofuscada, seria incapaz de enxergar os objetos cujas sombras ele via antes. Que responderia ele, na tua opinião, se lhe fosse dito que o que via até então eram apenas sombras inanes e que, agora, achando-se mais próximo da realidade, com os olhos voltados para objetos mais reais, possuía visão mais acurada? Quando, enfim, ao ser-lhe mostrado cada um dos objetos que passavam, fosse ele obrigado, diante de tantas perguntas, a definir o que eram, não supões que ele ficaria embaraçado e consideraria que o que contemplava antes era mais verdadeiro do que os objetos que lhe eram mostrados agora?

Glauco: Muito mais verdadeiro.

Sócrates: E se ele fosse obrigado a fitar a própria luz, não acreditas que lhe doeriam os olhos e que procuraria desviar o olhar, voltando-se para os objetos que podia observar, considerando-os, então, realmente mais distintos do que aqueles que lhe são mostrados?

Glauco: Sim.

Sócrates: Mas, se o afastassem dali à força, obrigando-o a galgar a subida

áspera e abrupta e não o deixassem antes que tivesse sido arrastado à presença do próprio Sol, não crês que ele sofreria e se indignaria de ter sido arrastado desse modo? Não crês que, uma vez diante da luz do dia, seus olhos ficaram ofuscados por ela, de modo a não poder discernir nenhum dos seres considerados agora verdadeiros?

Glauco: Não poderia discerni-los, pelo menos no primeiro momento.

Sócrates: Penso que ele precisaria habituar-se, a fim de estar em condições de ver as coisas do alto de onde se encontrava. O que veria mais facilmente seriam, em primeiro lugar, as sombras; em seguida, as imagens dos homens e de outros seres refletidas na água e, finalmente, os próprios seres. Após, ele contemplaria, mais facilmente, durante a noite, os objetos celestes e o próprio céu, ao elevar os olhos em direção à luz das estrelas e da lua - vendo-o mais claramente do que ao Sol ou à sua luz durante o dia.

Glauco: Sem dúvida.

Sócrates: Por fim, acredito, poderia enxergar o próprio Sol - não apenas sua imagem refletida na água ou em outro lugar - , em seu lugar, podendo vê-lo e contemplá-lo tal como é.

Glauco: Necessariamente.

Sócrates: Após, passaria a tirar conclusões sobre o Sol, compreendendo que ele produz as estações e os anos; que governa o mundo das coisas visíveis e se constitui, de certo modo, na causa de tudo o que ele e seus companheiros viam dentro da caverna.

Glauco: É evidente que chegaria a estas conclusões. [...]

Sócrates: Reflete sobre o seguinte: se esse homem retornasse à caverna e fosse colocado no mesmo lugar de onde saíra, não crês que seus olhos ficariam obscurecidos pelas trevas como os de quem foge bruscamente da luz do Sol?

Glauco: Sim, completamente.

Sócrates: E se lhe fosse necessário reformular seu juízo sobre as sombras e competir com aqueles que lá permaneceram prisioneiros, no momento em que sua visão está obliterada pelas trevas e antes que seus olhos a elas se adaptem - e esta adaptação demandaria um certo tempo -, não acreditas que esse homem se prestaria à jocosidade? Não lhe diriam que, tendo saído da caverna, a ela retornou cego e que não valeria a pena fazer semelhante experiência? E não matariam, se pudessem, a quem tentasse libertá-los e conduzi-los para a luz?

Glauco: Certamente.

Sócrates: É preciso aplicar inteiramente esse quadro ao que foi dito

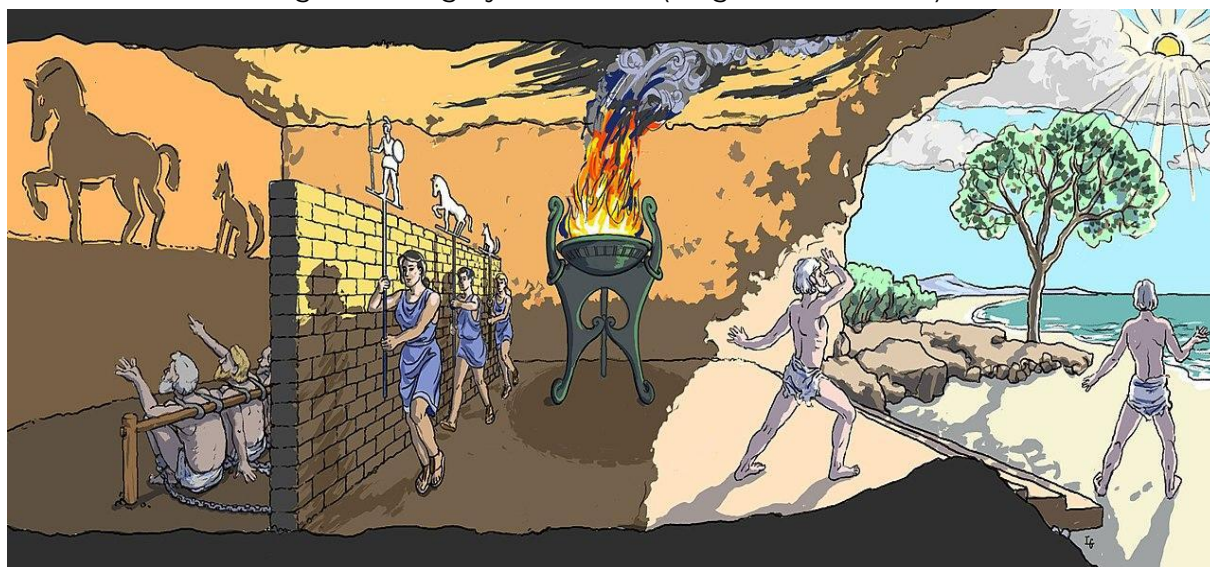
anteriormente, isto é, assimilando-se o mundo visível à caverna e a luz do fogo aos raios solares. E se interpretares que a subida para o mundo que está acima da caverna e a contemplação das coisas existentes lá fora representam a ascensão da alma em direção ao mundo inteligível terás compreendido bem meus pensamentos, os quais desejas conhecer mas que só Deus sabe se são ou não verdadeiros. As coisas se me afiguram do seguinte modo: na extremidade do mundo inteligível encontra-se a ideia do Bem, que apenas pode ser contemplado, mas que não se pode ver sem concluir que constitui a causa de tudo quanto há de reto e de belo no mundo: no mundo visível, esta ideia gera a luz e sua fonte soberana e, no mundo inteligível, ela, soberana, dispensa a inteligência e a verdade. É ela que se deve ter em mente para agir com sabedoria na vida privada ou pública.

Glauco: Concorde contigo, na medida em que consigo compreender-te.

PLATÃO. A República (Livro VII). Brasília: Universidade de Brasília, 1985. p. 46-51.

(ARANHA & MARTINS, p. 164-165).

Imagem 5: Allegory of the cave (Alegoria da caverna)



Fonte: Wikipédia, 2024

V. PARA SABER MAIS...

- Vídeos no YouTube:
 - Para que serve a filosofia?
(Disponível em: <https://youtu.be/lyuL7jcxMzg?si=TNC727ezZIMpEHLW>).
 - Filosofia antiga
(Disponível em: <https://youtu.be/4VzqshtvrcE?si=kJFge5C3cBxSfjLY>).

- Textos na internet:
 - O que é Filosofia?
(Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-que-e-filosofia.htm>).
 - Filosofia Antiga
(Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/filosofia-antiga/>).
- Livros para aprofundar o conhecimento:
 - GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. Tradução de Leonardo Pinto Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
 - SAVATER, Fernando. **Uma história descomplicada da filosofia**. Tradução de Luís Carlos Cabral. São Paulo: Planeta, 2015.

ATIVIDADES

1. A filosofia é uma atividade racional que busca justificativas para as nossas crenças cotidianas. Nesse sentido, podemos afirmar que a filosofia:

- A) se baseia na mitologia para encontrar respostas significativas aos nossos problemas.
- B) se pauta por uma postura crítica ao realizar as suas investigações acerca do mundo.
- C) se limita às perspectivas científicas para lançar os fundamentos da realidade.
- D) se permite influenciar por questões do senso comum, uma vez que ele é confiável.
- E) todas as opções acima estão incorretas.

2. Leia as duas afirmações abaixo e marque a opção correta na sequência:

- I. O senso comum é passado de geração em geração e sempre é produzido a partir de uma fundamentação racional;
- II. Sendo considerado, portanto, um pensamento sistematizado - uma vez que essa forma de pensamento se caracteriza pela fundamentação racional de seus enunciados.

- A) As duas afirmações estão corretas e a segunda justifica a primeira.
- B) As duas afirmações estão corretas, mas a segunda não justifica a primeira.
- C) A primeira afirmação está correta, mas a segunda está incorreta.
- D) A primeira afirmação está incorreta, mas a segunda afirmação está correta.
- E) As duas afirmações estão incorretas.

3. O surgimento da filosofia na Grécia Antiga foi favorecido por alguns eventos, como:

- A) o surgimento da moeda e da escrita.
- B) a fundação da democracia e a derrocada do império de Alexandre Magno.
- C) a implementação da lei escrita e da matemática pitagórica.
- D) a criação da pólis e das cidades-estado gregas.
- E) as trocas comerciais marítimas e a adoção do alfabeto assírio.

4. A filosofia socrática se caracteriza pela:

- A) defesa da forma e do conteúdo como característica de todos os objetos existentes.
- B) criação do Mundo das Ideias e da Alegoria da Caverna.
- C) pelo uso da ironia e da maiêutica como ferramentas filosóficas.
- D) teoria das quatro causas (material, eficiente, formal e final).
- E) prática do justo meio como ação virtuosa.

5. Para Aristóteles, podemos dizer que o ato injusto se caracteriza por:

- A) tratar desigualmente os desiguais.
- B) fundamentar leis que garantam aos pobres o acesso à riqueza.
- C) garantir a todos o direito de participar do poder.
- D) não dar a cada um o que lhe é devido.
- E) viabilizar uma vida plenamente humana e feliz.

6. Explique os principais elementos que compõem a Alegoria da Caverna de Platão (luz da fogueira, luz do sol, sombras, dentro e fora da caverna etc.) e apresente as considerações éticas e políticas que podem ser apreendidas a partir do trecho d'A *República*.

7. Considerando o panorama apresentado por Platão em sua Alegoria da Caverna, escreva um texto dissertativo explorando as similaridades entre a reflexão desenvolvida pelo filósofo grego e a dinâmica das redes sociais nos dias de hoje.

8. Analise a charge abaixo e responda:



A) Quais relações podemos estabelecer entre a charge ao lado e a Alegoria da caverna de Platão?

B) Como você vê o uso da Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC) no âmbito escolar? Isso ajuda os estudantes a saírem ou a permanecerem “dentro da caverna”? Por que? Se possível, deixe suas considerações disponíveis no Fórum de Discussão disponibilizado pelo seu professor.

PLANO DE ESTUDOS

Habilidades:

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar as tipologias evolutivas (como populações nômades e sedentárias, entre outras) e as oposições dicotômicas (cidade/ campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/sensibilidade, material/virtual etc.), explicitando as ambiguidades e a complexidade dos conceitos e dos sujeitos envolvidos em diferentes circunstâncias e processos.

(EM13CHS206) Compreender e aplicar os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, entre outros, relacionados com o raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e da produção do espaço em diferentes tempos.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos e classes sociais diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar processos próprios da contemporaneidade, com ênfase nas transformações tecnológicas e das relações sociais e de trabalho, para propor ações que visem à superação de situações de opressão e violação dos Direitos Humanos.

Unidade Temática:

- Tempo e Espaço / Política e Trabalho / Territórios e Fronteiras.

Objetos de Conhecimento:

- Antropologia filosófica: natureza humana x condição humana;
- Linguagem, pensamento e cultura;
- Trabalho como atividade essencialmente humana;
- Da primeira revolução agrícola à quarta revolução industrial: O conceito de trabalho como instrumento de mudança da realidade;
- A filosofia do ócio: uma perspectiva de tempo e lazer;
- O mundo da informação e a fragmentação da realidade;
- O sentido da existência e a busca da felicidade;
- Filosofia da linguagem: funções da linguagem na compreensão do mundo;

- A cultura como construção humana; Ocupação dos espaços geográficos e a diversidade.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES...

Nesta segunda parte deste Plano de Estudos, você irá explorar questões relacionadas à antropologia filosófica. A antropologia filosófica é o estudo acerca do ser humano em sua essência, ou seja, é a pesquisa acerca daquilo que nos define enquanto seres humanos. Enquanto animais que comungam de muitas características com outros seres vivos, somos natureza; enquanto animais que moldam a natureza às nossas necessidades e prazeres, somos um ponto de singularidade no universo, somos cultura. Construímos o nosso próprio mundo ao compreendermos os códigos e fórmulas a partir dos quais podemos descrever a natureza (matemática, física, química etc.). Nesse sentido, enquanto animais simbólicos, dotados de uma linguagem simbólica, abrimos diante de nós uma infinidade de possibilidades para usufruirmos de nossa liberdade e potencialidades.

Para compreender melhor este contexto, confira os textos e as reflexões disponíveis ao longo desta segunda parte do presente Plano de Estudos e aprecie a sua jornada formativa. Bons estudos!

I. NATUREZA E CULTURA

Enquanto seres humanos, podemos afirmar que, de certa forma, somos constituídos a partir de um amálgama entre natureza e cultura. Mas o que isso quer dizer? Quer dizer que compartilhamos muitas características com diversos animais de espécies não-humanas (principalmente no que se refere aos nossos mecanismos fisiológicos - instintos, inteligência, sensibilidade etc.). Mas também quer dizer que somos animais singulares, cuja espécie - sob determinados aspectos - se distingue essencialmente de todas as outras espécies de animais que conhecemos. Somos, portanto, natureza e cultura.

Uma vez que o âmbito da cultura é aquele que nos distingue enquanto animais excepcionais, vamos tentar compreender um pouco melhor essa faceta que nos torna humanos.

O mundo que resulta do pensar e do agir humanos não pode ser chamado de natural, pois se encontra modificado e ampliado por nós. Portanto, as diferenças entre ser humano e animal não são apenas de grau, porque, enquanto o animal permanece mergulhado na natureza, nós somos capazes de transformá-la em cultura.

Dada a infinita possibilidade humana de simbolizar, as culturas são múltiplas. Variam as formas de pensar, de agir, de valorar; são diferentes as expressões artísticas e os modos de interpretação do mundo, tais como o mito, o senso comum, a filosofia ou a ciência. Vale lembrar que a ação cultural é coletiva, por ser exercida como tarefa social, pela qual a palavra toma sentido pelo diálogo. [...]

Se o processo de humanização se faz por meio das relações pessoais, será dos impasses e confrontos surgidos nessas relações que a consciência de si poderá emergir lentamente. O importante é manter viva a contradição fecunda de pólos que se opõem, mas não se separam. Ou seja, ao mesmo tempo que nos reconhecemos como seres sociais, também somos pessoas, temos uma individualidade que nos distingue dos demais. (ARANHA & MARTINS, p. 49-50)

Enquanto seres políticos e distintos entre si, criamos coletivamente nossas identidades e diferenças, vivenciamos conflitos enquanto oportunidades de transformação social, assumimos as tradições e as rupturas como movimentos naturais do nosso desenvolvimento histórico - enfim, enquanto seres humanos, reconhecemos as nossas idiossincrasias culturais como elementos naturais da nossa espécie.

A cultura como construção humana

Regemos as nossas vidas a partir de convenções erigidas em forma de leis. Cristalizamos os nossos valores em códigos que definem as nossas condutas. Inspiramos e expiramos abstrações que ganham concretude nas arquiteturas de nossas megalópoles, nas nossas produções cinematográficas, na execução de nossos ritos funerários etc. Fazemos tudo isso com intencionalidade, de modo premeditado, a partir de cálculos precisos. Em suma, resignificamos a ordenação natural a partir de nossas necessidades humanas, criando, assim, cultura. E é a partir do fazer cultural que asseguramos a permanência das nossas comunidades humanas, acumulamos saberes e conhecimentos, moldamos o nosso futuro de acordo com os nossos desejos.

A cultura é, portanto, um processo que caracteriza o ser humano como ser de mutação, de projeto, que se faz à medida que transcende, que ultrapassa a própria experiência. Quando o filósofo francês contemporâneo Georges Gusdorf - retomando de Heidegger e Sartre citação similar - diz que "o homem não é o que é, mas é o que não é", não faz um simples jogo de palavras. Quer mostrar que o ser humano não se define por um modelo ou uma essência nem é apenas o que as circunstâncias fizeram dele. Define-se pelo lançar-se no futuro, antecipando, por meio de projetos, sua ação

consciente sobre o mundo.

É evidente que essa condição de certo modo fragiliza o ser humano, pois não se encontra, como os animais, em harmonia com a natureza. Ao mesmo tempo, o que seria mera fragilidade transforma-se justamente em sua força, a característica humana mais nobre: a capacidade de produzir sua própria história e de se tornar sujeito de seus atos. (ARANHA & MARTINS, p. 51)

O mundo da informação

Exercício de reflexão...

Muitas vezes, quando falamos de cultura, incorremos no erro ao opor os conceitos “natural” e “artificial”, o que pode nos levar a pensar a cultura humana como algo “à parte” da natureza. Porém, quando entendemos natureza e cultura como faces de uma mesma moeda, percebemos o quanto as transformações operadas pelos seres humanos sobre o mundo e sobre si mesmos são, de certa forma, ações “naturais” - uma vez que sempre agimos segundo a nossa própria “natureza”. Nesse sentido, poderíamos dizer que a figura do ciborgue (ser que mescla partes orgânicas e cibernéticas, tal como vemos no filme Robocop), são desenvolvimentos naturais da cultura humana. Mas... será mesmo? Você acha que, futuramente, o aprimoramento dos nossos corpos e capacidades “naturais” a partir do uso de próteses “artificiais” nos tornará menos humanos? Por que? Não deixe de registrar a sua resposta!

Imagem 6: Robocop



Fonte: Wikipédia, 2024

A cultura humana é vasta e diversificada. Nesse sentido, podemos dizer que hoje, em decorrência disto (e também de outros fatores), muitas vezes aca-

bamos lidando com um conhecimento que chega até nós de modo fragmentado. Isso porque produzimos e consumimos cultura de forma compartimentada (filosofia, química, arte, economia etc.) e recorrentemente nos frustramos diante de tanta informação que precisa ser administrada a partir de fontes tão díspares. Com o progresso tecnológico, essa questão passou a ser ainda mais aguda em nossa sociedade. Certamente você entende do que eu estou falando: basta lembrar de suas demandas escolares, de trabalho ou de qualquer outra natureza que leve você a ter que pesquisar e articular saberes heterogêneos necessários à realização de uma única tarefa.

Estamos vivendo a era da sociedade da informação e do conhecimento, que tem transformado de maneira radical todos os setores de nossas vidas. A influência da mídia e da informática acelerou o processo de globalização, a partir de uma rede de comunicação que nos coloca em contato com qualquer pessoa ou grupo em todos os lugares do planeta. [...]

As grandes transformações que tiveram início no final dos anos 1960 e meados da década de 1970 criaram, entre outras inovações, uma nova estrutura social dominante: a sociedade em rede. Segundo o sociólogo Manuel Castells, uma sociedade em rede é um conjunto de nós interconectados que podem ser dos mais variados tipos. Por exemplo: rede de fluxos financeiros globais, de produção e distribuição de drogas, de gangues de rua, de sistemas de comunicação ou transporte, de estúdios de entretenimento e tantas outras.

Consequentemente, o impacto das novas mídias também se reflete nos nossos valores e crenças, a uma velocidade que não se compara a nenhuma outra época. O desafio dos novos tempos é ser capaz de selecionar a informação e refletir sobre seu significado. (ARANHA & MARTINS, p. 51).

Apesar da árdua tarefa que caracteriza a nossa existência (saber lidar com a nossa liberdade diante de tanta informação produzida e disseminada por nós!), não podemos nos esquecer da importância da nossa natureza criadora e transformadora. Todo o nosso processo de produção cultural é garantido por nossas potencialidades cognitivas únicas, capazes de transcender o imediato dado para criar uma camada de sentido nova para a nossa realidade circundante. Nessa perspectiva, podemos afirmar que, mediante nossas capacidades racionais diferenciadas, conseguimos engendrar um mundo simbólico a partir do uso da linguagem e da transformação da natureza por meio da ação do trabalho.

Graças à linguagem e ao trabalho, os seres humanos tomam consciência do tempo e das diferenças temporais (passado, presente, futuro); tomam consciência da morte e lhe dão um sentido; organizam e humanizam o

espaço, atribuindo sentido ao que é próximo e ao que é distante, ao que é grande e ao que é pequeno, ao que é visível e ao que é invisível. A diferenciação temporal e espacial permite que os seres humanos se relacionem com o que está ausente, distinguindo o presente do passado e do futuro e o próximo do distante. Ao diferenciar o visível do invisível, os seres humanos também separam o sagrado do profano, isto é, o lugar onde estão os deuses e aquele onde estão os humanos. (CHAUÍ, p. 276)

Recapitulando: até aqui você aprendeu que o ser humano é um amálgama de natureza e cultura; que a dimensão da cultura é uma criação propriamente humana; que hoje vivemos na sociedade da informação; que nossa presença de forma autônoma no mundo se dá - dentre outros fatores - por meio da linguagem e do trabalho. Bora aprender mais um pouco?

II. A LINGUAGEM E O MUNDO SIMBÓLICO

Através da linguagem podemos nos situar no mundo com autonomia. Lançando mão de signos linguísticos diversificados podemos registrar o passado e programar o futuro, tornando o tempo tanto um elemento compreensível para nós quanto um parâmetro de organização de nossas vidas. Além disso, por meio da linguagem estabelecemos formas de comunicação e de apropriação do mundo dos mais variados tipos: criamos línguas naturais e artificiais (nihongo, sindarin, LIBRAS e tlhIngan Hol, por exemplo), descrevemos com rigor a composição e o comportamento da natureza (linguagens/conceitos da matemática, física, química, biologia etc.), programamos códigos e inteligências artificiais que garantem o funcionamento de grandes estruturas da sociedade contemporânea - como é o caso da internet.

A linguagem é um instrumento que nos permite pensar e comunicar o pensamento, estabelecer diálogos com nossos semelhantes e dar sentido à realidade que nos cerca.

Quando nos referimos à linguagem, a primeira da qual nos lembramos é a linguagem verbal, tanto a oral quanto a escrita. Por meio dela, nomeamos objetos, formamos conceitos e articulamos nosso pensamento sobre o mundo, tanto o mundo subjetivo de sentimentos e desejos quanto o mundo objetivo exterior a nós.

A linguagem verbal, contudo, não é a primeira linguagem que aprendemos em nossa vida nem a única que usamos para dar significados ao mundo. Desde bebês, conseguimos nos comunicar por meio do choro, de

olhares, de gestos e de balbucios que são compreendidos por todos aqueles que nos cercam e cuidam de nós. (ARANHA & MARTINS, p. 55)

Os signos linguísticos

Enfim, muitos são os elementos que caracterizam a linguagem simbólica que nos torna quem somos e nos permite fazer o que fazemos enquanto espécie. Diante dessa constatação, uma vez que *“toda linguagem é um sistema de signos”* e que todo signo *“é uma coisa que está no lugar de outra sob algum aspecto”* (ARANHA & MARTINS, p. 55), convém entendermos um pouco melhor como a nossa linguagem se organiza e se torna uma mediadora entre nós e o mundo.

Se o signo está no lugar do objeto, isto é, se o substitui, ele é uma representação do objeto. Um objeto pode ser representado de várias maneiras, dependendo da relação que existe entre ele e o signo. Vejamos um exemplo: um galo pode ser representado por uma fotografia, por um desenho, pela palavra "galo", pelo som de seu canto cocoricóóóó. Cada um desses signos (fotografia, desenho, palavra e cacarejar) mantém uma relação diferente com o objeto galo.

Quando a relação é de semelhança, temos um signo do tipo ícone. O desenho do galo é um ícone quando apresenta semelhança com ele; a representação do galo por meio de seu canto também é um ícone, pois tem uma semelhança sonora com o canto da ave.

Se a relação é de causa e efeito, uma relação que afeta a existência do objeto ou é por ela afetada, temos um signo do tipo índice. A fotografia do galo é um índice de sua existência porque toda fotografia é resultado da ação da luz refletida por um objeto e captada pela câmera. Ou seja, o objeto fotografado esteve em frente à câmera no momento em que a fotografia foi feita. Outros exemplos: a chuva pode ser representada pelo signo indicial nuvem (causa da chuva) ou chão molhado (consequência da chuva); a fumaça ou o cheiro de queimado são signos indiciais de fogo; os sinais matemáticos (+, -, x e +), quando colocados ao lado de números, são signos indiciais das operações que devem ser efetuadas; a febre é signo que indica doença. Todos esses signos indicam o objeto representado.

Se a relação é arbitrária, regida simplesmente por convenção, temos o símbolo. As palavras são o melhor exemplo de símbolo, mas há muitos outros: nas culturas ocidentais, o preto é símbolo de luto; o uso da aliança no dedo anelar da mão esquerda simboliza a condição de casado; o desenho de um coração simboliza amor, amizade. Esses signos são aceitos pela sociedade como representação dos objetos luto, casamento e sentimento de amor e

mantêm-se por convenção, hábito ou tradição.

Como só o ser humano é capaz de estabelecer signos arbitrários, regidos por convenções sociais, dizemos que o mundo humano é simbólico. (ARANHA & MARTINS, p. 56)

Outros elementos da linguagem

De modo a compreender/organizar melhor o mundo - e o nosso conhecimento a respeito dele e de nós mesmos - sistematizamos a nossa linguagem de acordo com as nossas necessidades. Nesse sentido, para facilitarmos os nossos estudos (ou seja, a apreensão da realidade), associamos palavras e sentenças diversas de modo significativo - tal como foi feito neste parágrafo que você está lendo agora. Para tanto, utilizamos, em sua maior parte, signos arbitrários que são frutos de nossas interações, produtos de nossos pactos sociais. Mas, para além dos signos, precisamos conhecer outros elementos significativos para podermos afirmar que dominamos uma linguagem.

Precisamente por ser um sistema de signos, toda linguagem possui um repertório, ou seja, uma relação de signos que a compõem. [...]

O repertório das linguagens verbais (ou línguas, como são chamadas), [...], é bastante amplo e costuma ser relacionado em dicionários. A linguagem musical tonal, para compor seu repertório, dentre todos os sons possíveis, seleciona alguns, denominados dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, acrescidos de sustenidos ou bemóis, que são semitons.

Além do repertório, também é preciso que se estabeleçam as regras de combinação dos signos. Quais podemos usar juntos, quais não podemos? Na linguagem do desenho, plano, linha e ponto podem ser usados como o desenhista quiser. Na linguagem verbal, do ponto de vista semântico, não podemos combinar signos que tenham sentidos opostos: subir/descer, nascer/morrer etc. Não podemos dizer "Ele subiu descendo as escadas", mas podemos dizer "Ele subiu correndo as escadas".

Como último passo, a linguagem deve estabelecer as regras de uso dos signos. Em que ocasiões devemos usar o pronome tu e o vós? Devemos vestir as crianças de preto, em ocasiões de luto?

Só quando conhecemos o repertório de signos, as regras de combinação e as regras de uso desses signos é que podemos dizer que dominamos uma linguagem. (ARANHA & MARTINS, p. 57)

Inteligência, pensamento e linguagem

Enfim, um dos traços mais distintivos da existência humana é a linguagem simbólica. Sejam os rompantes das placas tectônicas nas entranhas de

nosso planeta, os movimentos fascinantes de astros longínquos no cosmos ou mesmo a apreciação estética dos sons que produzimos enquanto música - nada escapa à nossa sistematização linguística. A partir dessas constatações você pode perceber com facilidade como a linguagem, a inteligência e o pensamento possuem uma íntima conexão entre si. No geral, só podemos articular as nossas reflexões, administrar as nossas memórias e conceber os frutos de nossas imaginações por meio da linguagem.

A inteligência humana, como atividade mental e de linguagem, pode ser definida como a capacidade para enfrentar ou colocar diante de si problemas práticos e teóricos. Ela é capaz de encontrar, elaborar ou conceber soluções para esses problemas, seja pela criação de instrumentos práticos, seja pela criação de significações e ideias. Caracteriza-se pela flexibilidade, plasticidade e inovação, bem como por poder transformar a própria realidade. A inteligência se realiza, portanto, como conhecimento e ação.

O conhecimento inteligente capta o sentido das palavras, interpreta-o, inventa novos sentidos para palavras antigas ou cria novas palavras para novos sentidos. Graças à linguagem, compartilhamos com outros os nossos conhecimentos, e vice-versa.

Comunicação, informação, memória cultural, transmissão, inovação e ruptura: eis o que a linguagem permite à inteligência. Clarificação, organização, ordenamento, análise, interpretação, compreensão, síntese, articulação: eis o que a inteligência oferece à linguagem.

A inteligência colhe, recolhe e reúne os dados oferecidos pela percepção, pela imaginação, pela memória e pela linguagem, formando redes de significações com as quais organizamos, ordenamos e damos sentido a nosso mundo e nossa vida. O pensamento, porém, vai além do trabalho da inteligência: abstrai os dados, separando-os das condições imediatas de nossa experiência, e os elabora na forma de conceitos, ideias e juízos, estabelecendo articulações internas e necessárias entre eles pelo raciocínio (indução e dedução), pela análise e pela síntese. Formula teorias e procura prová-las e verificá-las, pois está voltado para a verdade do conhecimento. (CHAUI, p. 177)

Resumindo: até aqui você aprendeu que toda linguagem é um sistema de signos; que os signos podem ser definidos como ícone, índice e arbitrário; que dominamos uma linguagem quando conhecemos o repertório, as regras de combinação e as regras de uso dos signos inerentes a esta linguagem; que inteligência, pensamento e linguagem possuem uma relação íntima determinante capaz de nos definir enquanto seres humanos. Bora explorar um pouco mais?



Fonte: WikiLibras, 2024

Exercício de reflexão...

Ao lado você confere o sinal de “casa” na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). A LIBRAS é uma língua natural e possui características próprias (sintaxe, morfologia etc.). Ou seja, se você souber LIBRAS, você consegue se comunicar com a comunidade surda brasileira, mas não com as comunidades surdas de outros países.

Após analisar a imagem ao lado, reflita e responda: você acha que o sinal “casa” é um signo do tipo ícone, índice ou símbolo? Por que?

III. O TRABALHO ENQUANTO AÇÃO TIPICAMENTE HUMANA

Vimos até agora que, enquanto seres humanos, somos constituídos por uma mistura de elementos naturais e culturais - mas que, no final das contas, somos definidos por nossa dimensão cultural (uma vez que ela é um produto exclusivamente humano). No processo de produção de cultura a linguagem humana desempenha um papel indispensável, pois possibilita a nossa apropriação da realidade - decodificando a sua estruturação e desvelando os seus significados mais profundos. Porém, em última instância, não podemos nos esquecer que é a ação do trabalho que transforma diretamente - e intencionalmente - em cultura a configuração natural da realidade com a qual nos deparamos ao sermos lançados no mundo.

É pelo trabalho que a natureza é transformada mediante o esforço coletivo para arar a terra, colher seus frutos, domesticar animais, modificar paisagens e construir cidades. E não só: pelo trabalho surgem instituições como a família, o Estado, a escola; obras de pensamento como o mito, a ciência, a arte, a filosofia.

Podemos dizer que o ser humano se faz pelo trabalho, porque ao mesmo tempo que produz coisas, torna-se humano, constrói a própria subjetividade. Desenvolve a imaginação, aprende a se relacionar com os demais, a enfrentar conflitos, a exigir de si mesmo a superação de dificuldades. Enfim, com o trabalho ninguém permanece o mesmo,

porque ele modifica e enriquece a percepção do mundo e de si próprio.

Como condição de humanização, o trabalho liberta, ao viabilizar projetos e concretizar sonhos. Se em um primeiro momento a natureza apresenta-se como destino, o trabalho será a possibilidade da superação dos determinismos. Nesse sentido, a liberdade humana não é dada, mas resulta da ação humana transformadora. Nem sempre, porém, prevalece essa concepção positiva, sobretudo quando as pessoas são obrigadas a viver do trabalho alienado, que resulta de relações de exploração. (ARANHA & MARTINS, p. 67)

Trabalho e alienação

O trabalho emancipa o ser humano, sem sombra de dúvidas. Mas a própria etimologia da palavra “trabalho” pode nos revelar uma outra faceta dessa ação eminentemente humana. Trabalho deriva da palavra latina *tripalium*, que designa um instrumento de tortura constituído por três paus, no qual se atava pessoas condenadas na antiguidade romana. Considerando essa informação, pode ser que você ainda hoje perceba um certo tom de sofrimento inerente à prática do trabalho (não é à toa que a interjeição “SEXTOU!” hoje é tão significativa para nós!). No entanto, caso você realmente sinta algo desalentador com relação a essa ação transformadora tão importante, isso provavelmente se deve ao processo de alienação comumente atrelado ao trabalho na sociedade capitalista.

A partir da Revolução Industrial as configurações do mundo do trabalho ganham contornos diferentes daqueles que caracterizavam o final do período medieval. Karl Marx (1818-1883) chamou a atenção para isso, dando destaque para a dimensão humanizadora do trabalho - mas principalmente para a dimensão “desbalanceada” dessa ação humana, uma vez que o trabalhador perde mais do que ganha ao se dedicar ao trabalho oferecido pelo seu empregador. Nessa relação desigual, o trabalhador tem a sua liberdade consumida: não escolhe horários, condições de trabalho, ritmo de produção, remuneração... Nessa rotina que se repete dia após dia, o trabalhador se torna um estranho para si mesmo - torna-se alienado!

Há vários sentidos para a palavra alienação. Em todos eles, há algo em comum: do ponto de vista jurídico, perde-se a posse de um bem; para a psiquiatria, o alienado mental perde a dimensão de si na relação com os outros; segundo Rousseau, o poder do povo é inalienável, porque só a ele pertence; na linguagem comum, a pessoa alienada perde a compreensão do mundo em que vive.

ALIENAÇÃO NA PRODUÇÃO

Para Marx, que analisou esse conceito básico, a alienação não é puramente teórica, porque se manifesta na vida real quando o produto do trabalho deixa de pertencer a quem o produziu. Isso ocorre porque na economia capitalista prevalece a lógica do mercado, em que tudo tem um preço, ou seja, ao vender sua força de trabalho mediante salário, o operário também se transforma em mercadoria. Ocorre então o que Marx chama de fetichismo da mercadoria e reificação do trabalhador. Vejamos o que significam esses conceitos.

- O fetichismo é o processo pelo qual a mercadoria, um ser inanimado, adquire "vida" porque os valores de troca tornam-se superiores aos valores de uso e passam a determinar as relações humanas, ao contrário do que deveria acontecer. Desse modo, a relação entre produtores não se faz entre eles próprios, mas entre os produtos do seu trabalho. Por exemplo, não são relações entre alfaiate e carpinteiro, mas entre casaco e mesa, que são equiparados conforme uma medida comum de valor.
- A reificação (do latim res, "coisa") é a transformação dos seres humanos em coisas. Em consequência, a "humanização" da mercadoria leva à desumanização da pessoa, à sua coisificação, isto é, o indivíduo é transformado em mercadoria. (ARANHA & MARTINS, p. 70)

Trabalho e consumismo

Além da alienação, há também outro elemento significativo associado ao trabalho e que contribui para nos manter refém dessa prática tão cara à nossa espécie: o consumo. No geral, trabalhamos para consumir. Acabamos nos tornando coisas quando nos submetemos ao trabalho, unicamente para que possamos ter condições de comprar outras coisas - coisas estas apresentadas a nós como indispensáveis por aqueles que ditam os rumos dos mercados de trabalho. No geral, nem os nossos desejos nos pertencem: eles são implantados em nós pelo Deus Mercado! Claro, temos a opção de consumir de modo consciente; mas temos tempo para escolhermos de modo consciente as coisas que iremos consumir? Um silogismo básico pode nos ajudar a organizar o pensamento por aqui:

Tempo é dinheiro.

Dinheiro é trabalho.

Logo, tempo é trabalho.

Se só temos tempo para trabalhar, não sobra tempo para aprendermos a consumir - e consumir está sempre na ordem do dia, todos os dias. Dentro

dessa dinâmica, somos utilizados como massa de manobra e convertidos ao consumismo, tendo nossas liberdades cerceadas e nossos desejos conformados às vontades alheias.

A organização dicotômica do trabalho a que nos referimos - pela qual se separam a concepção e a execução do produto - reduz as possibilidades de o trabalhador encontrar satisfação na maior parte da sua vida, enquanto se sente obrigado a realizar tarefas desinteressantes. Muitas vezes, essa situação cria a necessidade artificial de se proporcionar prazer pela posse de bens.

Além disso, a produção em massa tem por corolário o consumo de massa, porque as necessidades artificialmente estimuladas, sobretudo pela publicidade, levam os indivíduos a consumir sempre mais. O consumo alienado degenera em consumismo quando se toma um fim em si e não um meio, provocando desejos nunca satisfeitos, um sempre querer mais, um poço sem fundo. A ânsia do consumo perde toda relação com as necessidades reais, o que leva as pessoas a gastar mais do que precisam e, às vezes, mais do que têm.

O comércio facilita a realização dos desejos ao possibilitar o parcelamento das compras, promover liquidações e ofertas de ocasião, estimular o uso de cartões de crédito, de compras pela internet. As mercadorias são rapidamente postas "fora de moda" porque seu design se tornou antiquado ou porque um novo produto se mostrou "indispensável", seja televisão, geladeira, celular ou carro. (ARANHA & MARTINS, p. 75).

Ócio e negócio

Manipulados por um sistema que utiliza o trabalho como uma eficaz ferramenta de controle, hoje, muitos de nós, estão em busca de outras ações que possam nos humanizar. Ora, o trabalho, de certa forma, é a negação do ócio - ou seja, é um negócio. Não seria, portanto, o ócio uma alternativa ao trabalho, capaz de nos dar novos sentidos para interagir com os outros e com o mundo? Nesse sentido, pode ser interessante refletirmos sobre a etimologia da palavra escola: a palavra *scholé* em grego, que dá origem à nossa palavra "escola", significava tempo livre, ócio. Na Grécia Antiga, quem tinha *scholé* (ócio) se dedicava aos estudos, às atividades físicas e intelectuais que tornam mais bela a natureza humana. Estranho que, para muitas pessoas, hoje a escola seja um lugar associado mais ao trabalho/sofrimento do que ao ócio/prazer, não é mesmo? Claro, os tempos são outros - não podemos nos esquecer disso... Mas, ainda assim, provavelmente você deve estar com uma pulga atrás da orelha matutando sobre essa questão...

Enfim, precisamos de um descanso do trabalho. Nesse caso, um bom ócio seria mais do que bem-vindo... Mas o que fazer com esse tempo livre? Vimos que dificilmente temos condições para aprendermos a consumir de modo consciente... Como consumir de modo consciente o ócio que porventura podemos vir a ter à nossa disposição? O lazer seria uma opção?

O lazer é uma criação da civilização industrial e apareceu como fenômeno de massa com características específicas que nunca existiram antes do século XX, quando a nova expressão histórica do lazer surgiu como contraponto explícito ao período de trabalho.

As reivindicações dos trabalhadores sobre o alargamento do tempo de lazer obtiveram alguns êxitos muito lentamente, tais como descanso semanal, diminuição da jornada de trabalho para oito horas, semana de cinco dias, férias. Era o início de uma nova era, que tendia a tomar contornos mais definidos com a intensificação da automação do trabalho. Estava sendo gestada a "civilização do lazer".

A diminuição da jornada de trabalho criou o tempo liberado, que não pode ser confundido com o tempo livre, pois aquele é gasto com transporte, obrigações familiares, sociais, políticas ou religiosas. O tempo propriamente livre, de lazer, é aquele que sobra após a realização de todas as funções que exigem obrigatoriedade. [...]

Há, portanto, três funções solidárias no lazer:

- descanso e, em decorrência, liberação da fadiga;
- divertimento, recreação, entretenimento e, conseqüentemente, uma complementação que dá equilíbrio psicológico, compensando o esforço no trabalho. O lazer oferece a oportunidade de expandirmos nossa vida imaginária, por meio da mudança de lugar, de ambiente, de ritmo, quer seja em viagens, jogos ou esportes ou ainda por atividades que privilegiam a ficção, o sonho, a crítica, como cinema, teatro, literatura, shows;
- participação social mais livre e, com isso, possibilidade de desenvolvimento pessoal; procura desinteressada de amigos, de aprendizagem voluntária, o que estimula a sensibilidade e a razão e facilita condutas inovadoras.

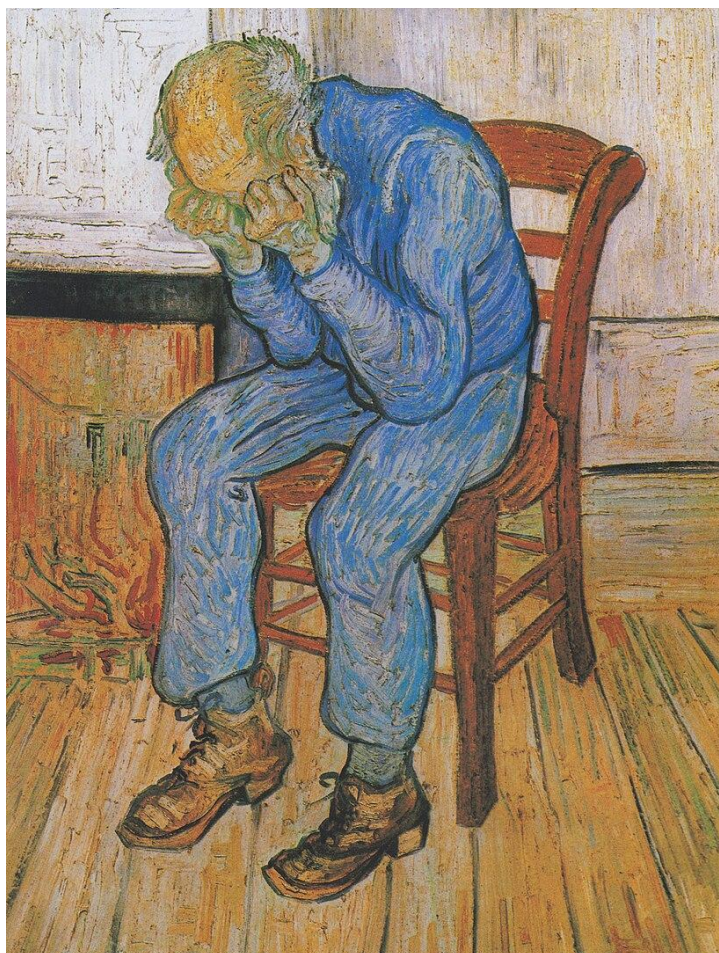
De tudo isso, fica claro que o lazer ativo não é um simples "deixar passar o tempo livre", mas aquele no qual a pessoa pode escolher algo prazeroso e que ao mesmo tempo a modifique como ser humano. Não se pretende com isso prescrever antecipadamente o que seria uma boa ou má ocupação do tempo livre: qualquer tipo de lazer é ativo quando somos seletivos, sensíveis aos estímulos recebidos e compreendemos de modo crítico o que vemos, sentimos e apreciamos. Por exemplo, duas pessoas

que assistem ao mesmo filme podem ser ativas ou passivas, dependendo da maneira pela qual se posicionam para comparar, apreciar, julgar e decidir por si mesmas, independentemente de modismos ou de propagandas massificantes. (ARANHA & MARTINS, p. 76-77).

Imagem 8: Depressão

Exercício de reflexão...

Segundo o filósofo Byung-Chul Han, “a depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade.” (HAN, p. 16). Hoje, no âmbito do trabalho, geralmente escutamos que tudo vai dar certo no final, mesmo quando estamos sob condições nada favoráveis! Vigiamos a nós mesmos no trabalho a todo o momento, de tal forma que, quando temos breves momentos de ócio, sentimos tédio e nos cobramos por não estarmos sendo produtivos... Nesse ritmo, adoecemos e vemos a depressão se tornar o mal do século XXI... Enfim, tornamo-nos uma sociedade paradoxal, que prega a positividade - mas uma positividade tóxica! Você concorda com essa interpretação de Byung-Chul Han? Por que? Registre a sua resposta e, se possível, compartilhe a sua perspectiva no fórum de discussões promovido por seu professor.



Fonte: Wikipédia, 2024

Liberdade e felicidade

Vimos até aqui que somos animais que dominam o mundo mediante o uso da linguagem simbólica e pela ação do trabalho. A partir dessa dinâmica, criamos um mundo propício para o desenvolvimento das nossas potencialidades. Nesse contexto, percebemos que temos muitas decisões a serem tomadas - e que boa parte delas são pautadas pela busca de um bem-

estar individual e coletivo. Diante dessas informações, podemos destacar aqui duas outras características fundamentais do ser humano: a liberdade e a felicidade.

Fazemos a nossa história por nós mesmos, ponderando e escolhendo algumas informações e ações em detrimento de outras. Essa é a nossa sina: somos condenados à liberdade! Uma vez que não somos absolutamente determinados pela natureza, precisamos definir a nossa essência através de nossos próprios atos, criando a cultura como resultado desse processo. Paralelo a esse fado, outro destino: a felicidade! Buscamos incessantemente a felicidade até o nosso último suspiro - sem exceções. Invariavelmente, vamos pulando de meios em meios na tentativa de alcançarmos esse fim último da vida...

De maneira geral, a felicidade comporta um dado característico, que é o sentimento de satisfação em relação ao modo como vivemos, à possibilidade de sentirmos alegria, contentamento e prazer. Por experiência, sabemos que não se trata de uma plenitude, porque esse estado de espírito não ocorre o tempo todo, já que a vida feliz não exclui os contratempos, como a dor, o sofrimento, a tristeza.

Só a satisfação não é suficiente para explicar a felicidade, porque ela supõe a realização de desejos que, não raro, são conflitantes. Por exemplo, você pode ficar em dúvida entre assistir a um filme ou ficar estudando.

Os motivos que influem na decisão podem ser de diversas naturezas: o filme é de um bom diretor e trata de um tema que lhe interessa; ou então é puro entretenimento e você precisa se distrair. Por outro lado, o estudo pode ser um prazer, se o assunto lhe despertou o interesse; mas pode representar, naquele momento, a privação de um prazer, por preferir um bem futuro, como a sua profissionalização. Em qualquer caso, os desejos não são compatíveis e uma decisão satisfaz um desejo, mas frustra o outro.

Vemos aí mais um componente da felicidade: a autonomia da decisão. Se não somos livres, ficamos sujeitos às influências externas e tornamos nossos sonhos alheios, o que acontece nas sociedades massificadas em que os comportamentos tendem à padronização. Ao contrário, quando agimos de acordo com nossos próprios projetos de vida, decidimos de modo coerente.

Para tanto, é necessária a reflexão, que nos permite apreciar o que desejamos da vida como um todo, conforme projetos que dão sentido às nossas decisões. (ARANHA & MARTINS, p. 81).

Ao evidenciarmos a liberdade e a felicidade enquanto características distintivas do ser humano, vale a pena destacarmos também outro conceito

fundamental: o de responsabilidade. Se somos livres e lançamos mão dessa liberdade para alcançarmos a felicidade, precisamos ser responsabilizados pelas ações que realizamos em prol desse fim último de nossas vidas. Comunicamos e trabalhamos porque somos livres e desejamos ser felizes. Mas para realizarmos tal intento precisamos avaliar as variáveis à nossa disposição de forma prudente, de modo que possamos fazer escolhas responsáveis e efetivas para, assim, gozarmos de alegrias pessoais e coletivas com serenidade. No final das contas, apesar de a filosofia não ser uma ciência exata, não se esqueça: para fruir sua liberdade e ser feliz é necessário fazer cálculos!

Recapitulando: até aqui você aprendeu que o trabalho é uma ação transformadora do mundo que nos humaniza; que o trabalho pode adotar uma conformação desproporcional que pode nos deixar alienados; que o trabalho pode perpetuar rotinas de reificação dos sujeitos, fetichização de mercadores e de consumismos desmedidos; que uma sociedade do ócio pode ser uma alternativa à sociedade do consumo, resgatando uma ação humanizadora que pode ressignificar as nossas vidas; que a liberdade e a felicidade são características que definem a natureza humana.

IV. LEITURA FILOSÓFICA

Até aqui você leu alguns comentários acerca da história e das características da filosofia. Para complementar os seus estudos, logo abaixo você encontra um excerto da bibliografia primária da filosofia - ou seja, ao invés de um comentário ou explicação sobre a filosofia de algum pensador, você irá ler um breve texto de autoria de algum filósofo propriamente dito. Aqui, no caso, separamos um trecho de *A felicidade paradoxal* de Gilles Lipovetsky. Boa leitura!

O ECLETISMO DA FELICIDADE

Com o capitalismo de consumo, o hedonismo se impôs como um valor supremo e as satisfações mercantis, como o caminho privilegiado da felicidade. Enquanto a cultura da vida cotidiana for dominada por esse sistema de referência, a menos que se enfrente um cataclismo ecológico ou econômico, a sociedade de hiperconsumo prosseguirá irresistivelmente em sua trajetória. Mas, se novas maneiras de avaliar os gozos materiais e os prazeres imediatos vierem à luz, se uma outra maneira de pensar a educação se impuser, a sociedade de hiperconsumo dará lugar a outro tipo de cultura. A mutação decorrente será produzida pela invenção de novos objetivos e sentidos, de novas perspectivas e prioridades na existência. Quando a felicidade for menos identificada à

satisfação do maior número de necessidades e à renovação sem limite dos objetos e dos lazeres, o ciclo do hiperconsumo estará encerrado. Essa mudança sócio-histórica não implica nem renúncia ao bem-estar material, nem desaparecimento da organização mercantil dos modos de vida; ela supõe um novo pluralismo dos valores, uma nova apreciação da vida devorada pela ordem do consumo volúvel. Muitas são as razões que levam a pensar que a cultura da felicidade mercantil não pode ser considerada um modelo de vida boa. São suficientes, no entanto, para invalidar radicalmente seu princípio?

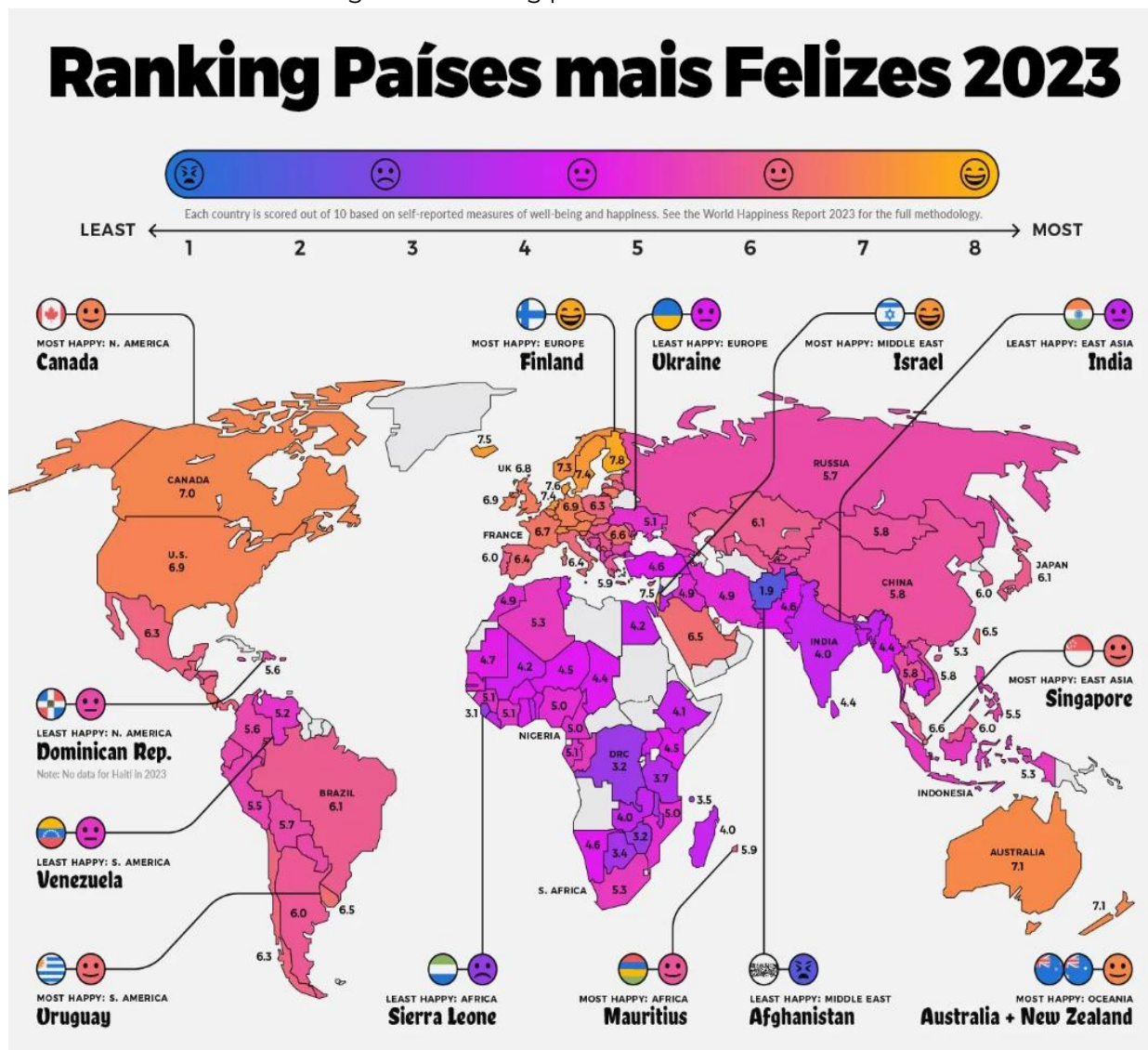
Porque o homem não é Uno, a filosofia da felicidade tem o dever de fazer justiça a normas ou princípios de vida antitéticos. Temos de reconhecer a legitimidade da frivolidade hedonística ao mesmo tempo que a exigência da construção de si pelo pensamento e pelo agir. A filosofia dos antigos procurava formar um homem sábio que permanecesse idêntico a si próprio, querendo sempre a mesma coisa na coerência consigo e na rejeição do supérfluo. Isso é de fato possível, de fato desejável? Não o creio. Se, como sublinha Pascal, o homem é um ser feito de 'contrariedades', a filosofia da felicidade não tem de excluir nem a superficialidade nem a 'profundidade', nem a distração fútil nem a difícil constituição de si mesmo. O homem muda ao longo da vida e não esperamos sempre as mesmas satisfações da existência. Significa dizer que não poderia haver outra filosofia da felicidade que não desunificada e pluralista: uma filosofia menos cética que eclética, menos definitiva que móvel.

No quadro de uma problemática 'dispersa', não é tanto o próprio consumismo que compete denunciar, mas sua excrescência ou seu imperialismo constituindo obstáculo ao desenvolvimento da diversidade das potencialidades humanas. Assim, a sociedade hipermercantil deve ser corrigida e enquadrada em vez de posta no pelourinho. Nem tudo é para ser rejeitado, muito é para ser reajustado e reequilibrado a fim de que a ordem tentacular do hiperconsumo não esmague a multiplicidade dos horizontes da vida. Nesse domínio, nada está dado, tudo está por inventar e construir, sem modelo garantido. Tarefa árdua, necessariamente incerta e sem fim, a conquista da felicidade não pode ter prazo.

[...] Lutamos por uma sociedade e uma vida melhor, buscamos incansavelmente os caminhos da felicidade, mas o que nos é mais precioso - a alegria de viver -, como ignorar que sempre nos será dada por acréscimo?

LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 367-370.

(ARANHA & MARTINS, p. 93).



Fonte: Coisas do Japão, 2024

V. PARA SABER MAIS...

- Vídeos no YouTube:
 - O que vem primeiro: o mundo ou a linguagem? (Disponível em: <https://youtu.be/SMnqWjaE4ts?si=Bj8cZabADfOhZ2SX>).
 - Alienação e consumo (Disponível em: https://youtu.be/eXrEWEGDfls?si=6pQR_OOqn19ZRjKF).
- Textos na internet:
 - A antropologia filosófica (Disponível em: https://medium.com/@leonardo_vaz/a-antropologia-filos%C3%B3fica-468bff191afd).

- Filosofia da linguagem
(Disponível em:
<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/filosofia-da-linguagem-1-da-torre-de-babel-a-chomsky.htm>).
-
- Livros para ampliar o conhecimento:
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- MONDIN, Battista. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. Tradução de R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1997.

ATIVIDADES

1. Podemos dizer que a condição humana é, de certa forma, frágil, uma vez que não estamos em harmonia com a natureza tal como as outras espécies de animais. Mas é justamente esse fator que nos leva a:

- A) utilizar os instintos como principal ferramenta de orientação no mundo.
- B) abrir mão da linguagem simbólica para melhor nos comunicarmos uns com os outros.
- C) produzir cultura e definir a natureza humana a partir de nossa liberdade.
- D) abandonar a nossa natureza animal e agir apenas segundo as convenções humanas.
- E) todas as opções acima estão corretas.

2. A linguagem é um fator distintivo da natureza humana uma vez que nos permite:

- A) comunicar o pensamento.
- B) apreender a natureza.
- C) planejar o futuro.
- D) formar conceitos.
- E) todas as opções acima estão corretas.

3. Os signos arbitrários se caracterizam por sua natureza:

- A) de causa e efeito.
- B) simbólica.
- C) de semelhança.
- D) inconstante.
- E) icônica.

4. Podemos afirmar que o trabalho humaniza o ser humano na medida em que lhe permite transformar a natureza de acordo com a sua vontade. No entanto, o trabalho também pode subjugar as pessoas, tornando-as alienadas, doentes e até mesmo egoístas. Essa parte negativa associada ao trabalho geralmente é decorrente:

- A) da herança feudal, que propunha um trabalho servil e oposto à emancipação da alma humana, tal como estabelecidas pela classe clerical.
- B) da busca ponderada pelo prazer e por melhores condições de trabalho, fatores esses que geralmente são alcançados com facilidade em nossa sociedade.
- C) das propostas desenvolvidas pelo filósofo alemão Karl Marx, que defendia jornadas de trabalho exaustivas e sem o direito de descanso aos trabalhadores.
- D) da organização contemporânea do trabalho, que explora e reifica o trabalhador a ponto de eliminar o ócio e o lazer significativos de suas vidas.
- E) todas as opções acima estão incorretas.

5. Por que podemos dizer que a liberdade e a felicidade são incontornáveis para o ser humano?

- A) Porque só podemos agir livremente e temos a felicidade enquanto finalidade de todas as nossas ações.
- B) Porque essas duas características humanas são evitáveis uma vez que somos uma mistura de natureza e cultura.
- C) Porque a liberdade deriva da felicidade, já que uma é associada à natureza e a outra à cultura.
- D) Porque a liberdade condiciona as nossas escolhas enquanto a felicidade não possui esse poder.
- E) todas as opções acima estão incorretas.

[illegible][illegible]

8. Analise a charge abaixo e responda:



(Fonte: CAZO, 2023)

- A) Em 2023 o tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”. Escreva um breve texto sobre o tema do Enem 2023 considerando a questão da alienação examinada neste Plano de estudos.

[illegible]

- B) Quais relações você pode estabelecer entre a situação representada na charge e os conceitos de ócio e negócio examinados neste Plano de Estudos?

REFERÊNCIAS

A ACRÓPOLE de Atenas. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Acr%C3%B3pole_de_Atenas. Acesso em: 05 ago. 2024.

ALIENAÇÃO e consumo / Resumo de filosofia para o Enem. [S.l.: s.n.], 27 fev. 2020. 1 vídeo (09:26min). Publicado pelo canal Curso Enem Gratuito. Disponível em: https://youtu.be/eXrEWEGDfls?si=6pQR_OOqn19ZRjKF. Acesso em: 05 ago. 2024.

ALLEGORY of the cave. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Allegory_of_the_cave. Acesso em: 05 ago. 2024.

ARANHA Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

ARISTÓTELES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>. Acesso em: 05 ago. 2024.

CASA em Língua de Sinais. In: WIKILIBRAS, [S.l.], 2022. Disponível em: <https://wiki.vlibras.gov.br/>. Acesso em: 05 ago. 2024.

CAZO. Em um futuro próximo... **Blog do AFTM**, [S.l.], 31 dez. 2023. Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-em-um-futuro-proximo/>. Acesso em: 05 ago. 2024.

CAZO. “Invisibilidade do trabalho de cuidado da mulher” foi o tema da redação do Enem... **Blog do AFTM**, [S.l.], 10 nov. 2023. Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-invisibilidade-do-trabalho-de-cuidado-da-mulher/>. Acesso em: 05 ago. 2024.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016.

FILOSOFIA antiga / Períodos da história da filosofia [S.l.: s.n.], 29 abr. 2019. 1 vídeo (08:40min). Publicado pelo canal Brasil Escola Oficial. Disponível em: <https://youtu.be/4VzqshtvrcE?si=kJFge5C3cBxSfjLY>. Acesso em: 05 ago. 2024.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. Tradução de Leonardo Pinto Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HERACLITUS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Heraclitus>. Acesso em: 05 ago. 2024.

KANA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Kana>. Acesso em: 05 ago. 2024.

MENEZES, Pedro. Filosofia Antiga. **Toda Matéria**, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/filosofia-antiga/>. Acesso em: 05 ago. 2024.

MINAS GERAIS. Secretaria do Estado de Educação. **Currículo Referência de Minas Gerais**: Ensino Médio. Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores de Minas Gerais, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://acervodenoticias.educacao.mg.gov.br/images/documentos/Currículo%20Referência%20do%20Ensino%20Médio.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2024.

MINAS GERAIS. Secretaria do Estado de Educação. **Plano de Curso**: EJA. Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores de Minas Gerais, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br/index.php/plano-de-cursos-crmg>. Acesso em: 03 jun. 2024.

MONDIN, Battista. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. Tradução de R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1997.

O PENSADOR. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Pensador#. Acesso em: 05 ago. 2024.

O QUE vem primeiro: o mundo ou a linguagem? [S.l.: s.n.], 08 nov. 2022. 1 vídeo (10:03min). Publicado pelo canal A Filosofia Explica. Disponível em: <https://youtu.be/SMnqWjaE4ts?si=Bj8cZabADfOhZ2SX>. Acesso em: 05 ago. 2024.

PARA que serve a filosofia? [S.l.: s.n.], 13 fev. 2020. 1 vídeo (06:50min). Publicado pelo canal Casa do Saber. Disponível em: <https://youtu.be/lyuL7jcxMzg?si=TNC727ezZIMpEHLW>. Acesso em: 05 ago. 2024.

PORFÍRIO, Francisco. O que é Filosofia? **Brasil Escola**, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-que-e-filosofia.htm>. Acesso em: 05 ago. 2024.

RANKING países mais felizes 2023. **Coisas do Japão**, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://coisasdojapao.com/2023/03/saiba-quais-sao-os-paises-mais-felizes-do-mundo-em-2023-brasil-cai-no-ranking/>. Acesso em: 05 ago. 2024.

ROBOCOP. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/RoboCop>. Acesso em: 05 ago. 2024.

SAVATER, Fernando. **Uma história descomplicada da filosofia**. Tradução de Luís Carlos Cabral. São Paulo: Planeta, 2015.

SILVA, Josué Cândido da. Filosofia da linguagem (1): da Torre de Babel a

Chomsky. **UOL Educação**, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/filosofia-da-linguagem-1-da-torre-de-babel-a-chomsky.htm>. Acesso em: 05 ago. 2024.

VAZ, Leonardo. A antropologia filosófica. **Medium**, [S.l.], 16 jun. 2016. Disponível em: https://medium.com/@leonardo_vaz/a-antropologia-filos%C3%B3fica-468bff191afd. Acesso em: 05 ago. 2024.